



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ANTONIO JOSÉ MARTINS MOREIRA

**A “COBRA FUMOU” NOS LIVROS DIDÁTICOS:
ENSINO DE HISTÓRIA SOBRE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL
EM PARNAÍBA-PI (2022-2023)**

**PARNAÍBA-PI
2024**

ANTONIO JOSÉ MARTINS MOREIRA

**A “COBRA FUMOU” NOS LIVROS DIDÁTICOS:
ENSINO DE HISTÓRIA SOBRE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL
EM PARNAÍBA-PI (2022-2023)**

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Piauí, Campus Professor Alexandre Alves de Oliveira, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Augusto dos Santos Ribeiro.

**PARNAÍBA-PI
2024**

M838c Moreira, Antonio José Martins.
A "cobra fumou" nos livros didáticos: ensino de história sobre a Segunda Guerra Mundial em Parnaíba-PI (2022- 2023) / Antonio José Martins Moreira. – 2024.
49 f .
Impresso por computador.
Monografia (graduação) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Licenciatura em História, 2024.
“Orientador: Prof. Dr. Felipe Augusto dos Santos Ribeiro.”

1. Ensino de história. 2.Segunda Guerra Mundial.3. Livros didáticos. 4. Parnaíba - PI. I. Ribeiro, Felipe Augusto dos Santos. II. Título.

CDD: 940.53



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
COORDENAÇÃO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
 (conforme RESOLUÇÃO CEPEX 014/2011 de 13 de maio de 2011)

Aos dez dias do mês de junho de dois mil e vinte e quatro, às 15:00 horas, na sala virtual do Google Meet <<https://meet.google.com/bfs-wkco-yfg>>, na presença da banca examinadora, presidida pelo professor **Felipe Augusto dos Santos Ribeiro** e composta pelos seguintes professores membros: **Francidéia Gomes Carvalho** e **Makchwell Coimbra Narcizo**, o aluno **Antonio José Martins Moreira** apresentou o Trabalho de Conclusão de Curso na graduação de Licenciatura em História, como elemento curricular indispensável à colação de grau, tendo como título: **A “COBRA FUMOU” NOS LIVROS DIDÁTICOS: ENSINO DE HISTÓRIA SOBRE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL EM PARNAÍBA-PI (2022-2023)**. A banca examinadora reunida em sessão reservada deliberou e decidiu pela aprovação do candidato. Eu, professor Felipe Augusto dos Santos Ribeiro, na qualidade de presidente da banca lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos demais membros e pelo aluno apresentador do trabalho.

Obs.: A banca examinadora atribuiu a nota 10 ao referido Trabalho de Conclusão de Curso.

 Prof. Dr. Felipe Augusto dos Santos Ribeiro
 Presidente da Banca Examinadora

 Prof.^a Ma. Francidéia Gomes Carvalho
 Membro da Banca Examinadora

 Prof. Dr. Makchwell Coimbra Narcizo
 Membro da Banca Examinadora

 Antonio José Martins Moreira
 Aluno

RESUMO

Esta monografia teve como propósito analisar os diferentes métodos de abordagem sobre a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) nos livros didáticos utilizados em escolas da Educação Básica da cidade de Parnaíba, estado do Piauí. Foram selecionados livros didáticos presentes em minha formação docente no Curso de Licenciatura em História, nas escolas em que atuei tanto nas disciplinas de Estágio Supervisionado, quanto no Programa Residência Pedagógica (PRP). Temos como objetivo principal avaliar e problematizar como a participação brasileira na guerra é apresentada nos livros e, além disso, como o(a) professor(a) pode trabalhar essa temática no ensino de História, destacando a participação piauiense no conflito. Para isso, a presente pesquisa inseriu-se nos estudos de uma análise qualitativa dos livros didáticos, buscando entender como o tema da Segunda Guerra Mundial está exposto para docentes e estudantes. Dessa forma, busca-se promover uma análise mais aprofundada e, em seguida, intervenções pedagógicas com o objetivo de ampliar o que foi apresentado e direcionar para novos caminhos. Nessa perspectiva, foi necessário o uso de fontes primárias, como fotografias, e o uso de fontes secundárias, como artigos relacionados ao tema, em diálogo com os debates em torno do livro didático e o ensino de História, o Currículo do Piauí e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Palavras-chave: Ensino de História; Segunda Guerra Mundial; Parnaíba–Piauí; Livros didáticos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
Capítulo 1:	
OS LIVROS DIDÁTICOS	11
Capítulo 2:	
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NO CURRÍCULO DO PIAUÍ E NA BNCC	30
Capítulo 3:	
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO E ATIVIDADE	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

O apoio da população para a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial veio acompanhada de dúvidas e questionamentos sobre a real possibilidade do Brasil enviar seus soldados para o conflito. Existia um pessimismo generalizado, algo se popularizou na frase: “É mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil mandar soldados para a guerra” (Barone, 2018, p. 131). Porém, o Brasil declarou guerra ao Eixo e formou a Força Expedicionária Brasileira (FEB), com mais de 20 mil integrantes, que foi enviada para o front.

Por isso, a expressão “a cobra vai fumar” se tornou uma expressão popular na época (Museu do Expedicionário, 2024). Dada essas informações, “a cobra fumou” em meados de 1944. A FEB foi para a Itália juntar-se às tropas norte-americanas. Tanto a ida, quanto a volta dos febianos, expedicionários ou simplesmente pracinhas (como eram conhecidos os integrantes da FEB), foi cercada de manifestações populares de apoio. Jovens de todo o Brasil foram convocados e permaneceram cerca de oito meses na Itália, uma terra desconhecida, e enfrentaram um frio rigoroso (FERREIRA, DELGADO, 2019, p. 142). Durante a preparação dos militares brasileiros para a guerra, a expressão “a cobra vai fumar” tornou-se um símbolo da FEB, tornando-se inclusive um dos seus distintivos oficiais.

Figura 1: Cobra fumando, desenho criado por Walt Disney em homenagem à FEB no ano de 1945.



Fonte: O Globo Expedicionário, 22/02/1945, p.1.
Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

O presente estudo surgiu após experiências docentes com o tema Segunda Guerra Mundial, promovidas através das disciplinas de Estágio Supervisionado e do Programa Residência Pedagógica (PRP). A partir disso, surge a ideia de realizar uma pesquisa direcionada a como o Brasil está representado nos livros didáticos adotados em escolas da Educação Básica em Parnaíba-PI, tomando como base as minhas regências entre 2022 e 2023. Para ser mais específico, foi em uma aula para uma turma de 3º ano no Colégio Estadual Senador Chagas Rodrigues – escola em que fiquei lotado para realização do projeto Residência Pedagógica – quando estava ministrando aula sobre a Segunda Guerra Mundial. Para aproximar mais os estudantes com o assunto, citei o artigo *Os nossos heróis de guerra: em memória aos piracuruquenses que lutaram na 2ª Grande Guerra Mundial* (Meneses, 2021) publicado pela *Revista Ateneu*, que li em uma consulta médica. O artigo narra a participação do Brasil na guerra, mas dando foco aos piauienses. O alunado se surpreendeu com tal informação, prestando mais atenção no assunto pois se sentiram mais aproximados.

Inicialmente, cabe salientar que todos os livros analisados fizeram parte da minha formação docente. O primeiro deles será o livro *História: Sociedade & Cidadania* (Boulos, 2018), publicado pela editora FTD. Esta obra foi adotada nas duas escolas públicas de Ensino Fundamental em que estagiei na disciplina de Estágio Supervisionado I e II: Centro de Ensino de Tempo Integral (CETI) Francisco Correia e CETI Ozias Correia, bem como no CETI Professora Raquel Magalhães, uma das escolas-campo em que atuei no PRP. Dessa forma, utilizei o Manual do Professor do 9º ano do Ensino Fundamental para analisar como está posto o assunto de Segunda Guerra Mundial neste livro e, principalmente, de que maneira o autor Alfredo Boulos aborda a participação do Brasil no conflito.

Também será utilizado o livro de 3º ano intitulado *Oficina de História – volume 3* (Campos, Pinto, Claro, 2016), publicado pela editora Leya Brasil. Obra adotada pelo CETI Senador Chagas Rodrigues, outra escola-campo em que atuei no PRP, e utilizada na regência de aulas de Segunda Guerra Mundial para turmas de 3º ano.

Por último, mas não menos importante, o livro que utilizei como apoio para a elaboração das regências nas citadas escolas foi o *Título II – Bernoulli Sistema de Ensino III – V.4* (Abreu, Magela, 2019), publicado pela editora DRP Ltda. Esta obra é bastante usada pelas escolas de ensino privado de Parnaíba, e também presente em minha formação durante o Ensino Médio no Colégio Apoio, instituição de ensino privada na cidade.

Tabela 1: Livros didáticos analisados na presente pesquisa

TÍTULO	AUTORES	EDIÇÃO	ANO	EDITORIA	MENÇÕES AO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL
História: Sociedade & Cidadania	Alfredo Boulos	4ª	2018	FTD	01
Oficina de História – volume 3	Flavio de Campos; Júlio Pinto; e Regina Claro	2ª	2016	Leya Brasil	03
Título II – Bernoulli Sistema de Ensino III – v.4	Edriano Abreu; e Geraldo Magela.	1ª	2019	DRP Ltda.	01

Elaboração: Antonio José Martins Moreira.

A análise dos livros foi amparada por uma bibliografia sobre livros didáticos relacionados com o tema Segunda Guerra Mundial e a participação do Brasil no conflito, além de artigos sobre como a guerra e outros assuntos aparecem em livros didáticos. Obras estas como: *A Segunda Guerra Mundial nos Livros Didáticos de História: Um Olhar Comparado para as Coleções do PNLD 2018*, de Maria Dantas Barros, na qual ela investiga a maneira como a temática da Segunda Guerra Mundial é trabalhada nos livros didáticos de História aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2018 para o Ensino Médio das escolas públicas brasileiras. Ela partiu de um estudo comparado dos capítulos que tratam diretamente o conflito e quais fatos foram elencados, assim como a forma em que foram abordados por parte dos autores de cada (Barros, 2021, p. 2). No entanto, a presente dissertação trabalha com estudo comparativo dos capítulos que estão relacionados com a Segunda Guerra Mundial e os temas em torno dela, como o nazifascismo e suas influências no Brasil. Porém, diferente de Maria Barros, o foco é a participação do Brasil no conflito, e como cada livro utilizado em minhas experiências docentes no Ensino Fundamental e no Ensino Médio elencam e abordam a participação brasileira.

Outro trabalho importante foi *O Movimento Operário Brasileiro no livro didático de História: ensino e narrativas em disputas no Programa Nacional do Livro Didático 2020*, de Isaque de Souza de Oliveira (2021), que nos ajuda a pensar em alguns questionamentos a fazer para fonte trabalhada, no caso, o livro didático. Quais discussões relacionadas à Segunda Guerra Mundial estão sendo elencadas? De que forma esse assunto vem sendo analisado nos livros que chegam às escolas públicas e privadas? Como está sendo discutido o Brasil na Segunda Guerra Mundial? Como a participação do Piauí pode aproximar os discentes piauienses do conflito e, conseqüentemente, da história do estado do Piauí? Para responder tais questões foi necessário se debruçar em livros, artigos, jornais e revistas que tratam sobre o Brasil na guerra e a participação piauiense.

A monografia está organizada em três capítulos. O primeiro se destina na análise dos livros didáticos usados nas escolas. O segundo é direcionado a saber como a Segunda Guerra Mundial aparece na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Currículo do Piauí, dando destaque também para o Artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96). Por fim, no terceiro e último capítulo é apresentada uma sugestão de atividade para trabalhar o Piauí no conflito da Segunda Guerra Mundial. Dessa forma, foi feita uma sugestão de fontes primárias e secundárias para compor um plano de aula.

Vale ressaltar que, na presente pesquisa, não se quer pôr a Segunda Guerra Mundial como tema mais importante do que outros, como Paulo Marcelli cita em seu artigo *Por outras Histórias do Brasil*: “Nenhum tema possui, em si, uma carga maior ou menor de ‘historicidade’, é a relação que com ele estabelece quem o trabalha que pode ou não fazer dele um tema histórico” (Marcelli, 1997, p. 34). Ressalta-se que não será feito juízo de valor sobre os livros, não se pretende questionar a qualidade do livro e nem mesmo fazer comparações com finalidade hierárquica. Outro ponto é que o livro didático se torna para muitos estudantes o único meio de estudo e, essencialmente, o único meio de acesso à cultura histórica, mas que estão limitados às normas e programas curriculares oficiais. Ou seja, eles são, ao mesmo tempo, objetos de cultura e mercadorias, logo, sua elaboração e distribuição visam atender demandas variadas de órgãos administrativos de ensino, escolas públicas e particulares, docentes e discentes, além das comunidades em geral. Assim, o que está proposto no manual didático do docente e discente está vinculado às políticas educacionais, à estrutura empresarial das editoras, aos autores, à acessibilidade e aos preços (Ferraz, 2010, p. 13). Visto isso, existe uma série de demandas para com o livro, que podem influenciar totalmente a base intelectual do educando. Porém, aqui não se tem a intenção de revolucionar as obras didáticas, mas apenas analisar como esses livros supracitados tratam Segunda Guerra Mundial e a participação brasileira; quer refletir como cada livro aborda a temática para, ao final, propor uma atividade pedagógica sobre a temática.

Capítulo 1: OS LIVROS DIDÁTICOS

A qualidade do ensino de História é composta de camadas que vão desde da escola à realidade social e econômica que os discentes e a escola estão. No entanto, a camada que mais define a qualidade do ensino de História, é o professor de História e a forma com que ele trabalha com os conteúdos e o livro didático. Ambos responsáveis pela educação dos futuros cidadãos, sendo as bases dessa formação, que juntos estão em conflito pelos espaços sociais que o estudante frequenta, desde a família e amigos. Além disso, a qualidade de ensino também depende da formação e experiência do professor e de como ele vai se relacionar com o livro didático adotado na escola. Um professor aguçado não se apega totalmente ao manual do professor, ele fará o que aprendeu em sua formação docente, vai buscar outras fontes, outros referenciais teóricos para sua fala sair de bom tom. Mas tem aquele professor menos interessado em sair dos livros didáticos, às vezes por falta de incentivo – que vai desde a qualidade de trabalho, interesse do alunado – ou porque se prende a máxima de que o livro didático é o único meio de documento histórico que o educando vai ter. Portanto, todas essas camadas são trazidas à sala de aula, e o professor vai definir o que ensinar, o que se ensinar além do livro ou apenas omitir fatos da história humana.

Como cita Paulo Miceli em seu artigo *Uma pedagogia da História?*, “não existe história neutra” (Miceli, 2009, p. 3). Seria possível ser neutro frente aos ideias de extermínio nazifascistas? Seria possível ser neutro as influências que a Segunda Guerra Mundial teve no Brasil e no mundo? Portanto, o docente de História tem que comprometer-se de modo crítico com as cartas que os fatos históricos vão lançar sobre ele e os seus aprendiz, mas também preparado para as sugestões que o livro didático vai lhe sugerir. Com isso é necessário que o professor esteja em constante aperfeiçoamento e atualização. Sendo parte dessa formação continuada as relações do docente com os programas oficiais, com o livro didático e outros recursos pedagógicos (Miceli, 2009, p. 4). Para finalizar, a qualidade do ensino de História depende de uma constante evolução do professor, mas também como cita Paulo Miceli, depende da “prática corajosa de superar e ignorar programas oficiais, burlar vigilâncias, criar e aceitar novos desafios e experiências” (Miceli, 2009, p.7). Nesse sentido, a formação continuada se faz muito necessária para a qualidade do ensino de História e da criticidade que acompanha o seu trabalho.

A seguir, vamos analisar cada um dos três livros didáticos selecionados para a presente pesquisa, em tópicos específicos.

1.1. O livro usado nas escolas públicas de Ensino Fundamental: *História Sociedade e Cidadania*

Este foi o primeiro livro didático que tive contato na experiência de professor por meio dos estágios supervisionados: o livro *História Sociedade & Cidadania*, do doutor em Educação Alfredo Boulos. O exemplar utilizado para análise é o Manual do Docente de 9º Ano, na sua 4ª edição, publicada em 2018 pela editora FTD. Esse livro é destinado ao Ensino Fundamental anos finais para o componente curricular de História. O livro do professor apresenta tabelas com conteúdos, objetos de conhecimento e habilidades do 9º ano, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Em uma das tabelas apresenta a unidade, capítulos, objetos de conhecimento e as habilidades. A obra possui 4 unidades com 15 capítulos no total, sendo 4 capítulos na unidade I e II, totalizando 8 nessas duas unidades. Há uma unidade que abriga apenas um capítulo, que é o capítulo 13 sobre ditaduras na América Latina. E a última unidade tem dois capítulos referentes ao Brasil Contemporâneo, o fim da Guerra Fria e a globalização. Mas o enfoque aqui é na Unidade II, sobretudo os capítulos 7 e 8, que tratam sobre nazifascismo e Segunda Guerra Mundial.

Figura 2: Quadro de Conteúdos, Objetos de Conhecimento e Habilidades

UNIDADE	CAPÍTULOS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
II	5. A Primeira Guerra Mundial	O mundo em conflito: a Primeira Guerra Mundial A questão da Palestina	(EF09HI10) Identificar e relacionar as dinâmicas do capitalismo e suas crises, os grandes conflitos mundiais e os conflitos vivenciados na Europa.
		CONTEÚDOS: Rivalidades imperialistas; A luta dos sérvios pela "Grande Sérvia"; A paz armada; Início da Grande Guerra; As fases da guerra; A vida nas trincheiras; Tecnologia bélica; A entrada dos Estados Unidos e a saída da Rússia; A participação do Brasil na Guerra; Uma nova guerra de movimento; O saldo trágico da Primeira Guerra; A paz dos vencedores; A Questão Palestina; O plano de partilha da ONU e o Estado de Israel; Guerras árabe-israelenses; Obstáculos à paz no Oriente Médio.	
	6. A Revolução Russa	A Revolução Russa	(EF09HI11) Identificar as especificidades e os desdobramentos mundiais da Revolução Russa e seu significado histórico.
		CONTEÚDOS: A Rússia czarista; A modernização e a indústria; O socialismo; O socialismo na Rússia; A rebelião popular de 1905; O processo revolucionário; O governo provisório; O governo de Lênin; A guerra civil; A NEP; Nova Política Econômica; A formação da URSS; A ditadura stalinista; Desdobramentos da Revolução Russa.	
III	7. A Grande Depressão, o fascismo e o nazismo	A crise capitalista de 1929 A emergência do fascismo e do nazismo	(EF09HI12) Analisar a crise capitalista de 1929 e seus desdobramentos em relação à economia global. (EF09HI13) Descrever e contextualizar os processos da emergência do fascismo e do nazismo, a consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio (como o holocausto).
		CONTEÚDOS: A Grande Depressão; A quebra da Bolsa de Valores; Razões da Grande Depressão; Desdobramentos da Grande Depressão; A ascensão dos fascismos; O fascismo italiano; A Marcha sobre Roma; O governo de Mussolini; Propaganda e educação sob o fascismo; O nazismo na Alemanha; A ascensão dos nazistas; Ditadura hitlerista; O antisemitismo nazista; As Olimpíadas de 1936: esporte e racismo.	
IV	8. A Segunda Guerra Mundial	A Segunda Guerra Mundial Judeus e outras vítimas do holocausto	(EF09HI13) Descrever e contextualizar os processos da emergência do fascismo e do nazismo, a consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio (como o holocausto).
		CONTEÚDOS: Antecedentes da guerra; O imperialismo japonês; O expansionismo italiano; O nazismo alemão; A ofensiva nazista na Europa; A resistência aos nazistas; A resistência soviética ao nazismo; A guerra no Oriente; O Brasil na guerra; A ofensiva dos Aliados; O Dia D na França e a derrota da Alemanha; Bombas sobre o Japão; O Holocausto.	

Fonte: História Sociedade & Cidadania, 2018, p. 44.

Para entender melhor o Capítulo 8, que trata especificamente sobre a Segunda Guerra Mundial, é preciso analisar principalmente o Capítulo 7 sobre a Grande Depressão, o fascismo e o nazismo, com a perspectiva de que esse período entre guerras reuniu vários fatores que culminaram na deflagração da guerra. Sobre este capítulo, ele atende as seguintes habilidades da BNCC: EF08HI12 – que propõe analisar a crise capitalista de 1929 e seus desdobramentos em relação à economia global; e EF09HI13 – que propõe escrever e contextualizar os processos da emergência do fascismo e do nazismo, a consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio (como o holocausto).

O capítulo já inicia de maneira ilustrativa para aproximar os discentes para mídias de entretenimento, por meio do filme *O Grande Ditador*, acompanhado de um texto com críticas ao nazismo, com repúdio a ditaduras e com reivindicações a lutas pela democracia. Ponto interessante é o fato do filme referenciado ser de 1940, produzido no mesmo contexto da ascensão e fortalecimento do nazismo, e era o ano em que eles avançavam pela Europa, algo que o Boulous incentiva o professor abordar com os estudantes.

Figura 3: O início do capítulo 7: *A Grande Depressão, o fascismo e o nazismo*

ORIENTAÇÕES GERAIS

Desenvolvemos este capítulo visando atender às habilidades EF09HI12 e EF09HI13 da BNCC, citadas a seguir:

- Analisar a crise capitalista de 1929 e seus desdobramentos em relação à economia global.
- Descrever e contextualizar os processos da emergência do fascismo e do nazismo, a consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio (como o holocausto).

ENCAMINHAMENTO

O texto é uma crítica explícita ao nazismo; e é também uma contestação ao ditador Adolf Hitler e suas práticas. Ao mesmo tempo que repudia a ditadura, o autor convoca todos para uma luta em favor da democracia. O filme foi produzido no contexto de ascensão e fortalecimento do nazismo e foi dado ao público num momento em que as forças nazistas avançavam sobre a Europa. Muitas ideias contidas no discurso continuam animando movimentos sociais da atualidade e o uso da ciência em favor de uma vida melhor para todos.

Texto de apoio

O grande ditador e seu tempo

Charles Spencer Chaplin é um artista múltiplo e multifacetado, que exerceu as funções de ator, diretor, roteirista, produtor e compositor de trilhas sonoras. [...]

O filme *O grande ditador* (*The Great Dictator*), lançado em 1940, é uma das obras mais importantes de Chaplin, talvez o momento mais explícito em que o cineasta lidou com os seus tempos e tentou agir de alguma forma com relação a eles. [...]

Além dos méritos particulares como filme, *O grande ditador* segue na história do século XX como um fenômeno sem precedentes e como um estranho incidente simbólico. O maior palhaço e a personalidade mais amada de sua época desafia diretamente o homem que mais destilou o mal [...] na história moderna.

Além disso, trata-se de uma das obras bem-sucedidas de Chaplin, a mais bem-sucedida financeiramente,

CAPÍTULO 7

A GRANDE DEPRESSÃO, O FASCISMO E O NAZISMO



Observe a imagem e leia o texto. Ambos foram retirados do filme *O grande ditador* (1940), de Charlie Chaplin.

Sinto muito, mas não pretendo ser um imperador. [...] Não pretendo governar ou conquistar quem quer que seja. Gostaria de ajudar – se possível – judeus, o gentio... negros... brancos. [...]

Neste mesmo instante a minha voz chega a milhares de pessoas pelo mundo afora... milhões de desesperados, homens, mulheres, crianças... vítimas de um sistema que tortura seres humanos e encarcera inocentes. [...]

Soldados! Não vos entreguem a esses brutais... que vos desprezam... [...] que ditam os vossos atos, as vossas ideias e os vossos sentimentos! Que vos fazem marchar no mesmo passo [...], que vos tratam como gado humano e que vos utilizam como bucha de canhão! Não sois máquina! Homens é que sois! [...]

[...] Os ditadores liberam-se, porém escravizam o povo. Lutemos agora para libertar o mundo, abater as fronteiras nacionais, dar fim à ganância, ao ódio e à prepotência. Lutemos por um mundo de razão, um mundo em que a ciência e o progresso conduzam à ventura de todos nós. Soldados, em nome da democracia, unamo-nos!

CHAPLIN, Charlie. Discurso final do filme *O grande ditador* (1940). Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/discursos_grande_ditador_chaplin.htm>. Acesso em: 16 out. 2018.

- O traje e o bigode do personagem fotografado lembram os de um ditador, você sabe quem é ele? Confiar suas ideias?
- Que parte do discurso chamou mais a sua atenção? Algumas das ideias desse discurso são aplicáveis aos dias de hoje? Quais? Por quê?

106

já que o filme, nas palavras do próprio diretor, "foi o de maior renda entre todos os meus". No entanto, apesar do sucesso, esse enfrentamento de Chaplin provocou muita polêmica, e mesmo antes de seu lançamento, no período de produção. O cineasta esclarece, mencionando inclusive perseguições a ele:

Durante a produção de *O grande ditador*, comeci a receber cartas malucas e o número delas foi crescendo quando o filme ficou pronto. Alguns dos seus autores ameaçavam atirar bombinhas malcheirosas nos cinemas e cortar a tela onde quer que a película fosse exibida; outros prometiam provocar distúrbios. A princípio cogitei de avisar a polícia, mas o noticiário a respeito afastaria os espectadores.

FACINI, Diogo Rossi Ambiel. Discursos na história, discursos sobre a história: uma reflexão sobre "O grande ditador" e "Monsieur Verdoux". Revista Travessias, v. 11, n. 2, 2017. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/17297/11782>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

Fonte: História Sociedade & Cidadania, 2018, p. 106.

Um ponto positivo, mérito de destaque, é que na versão do professor consta com sugestões de leitura para o professor. A exemplo, no início do capítulo sobre Grande Depressão ele indica bibliografias sobre o tema para o professor expandir seus conhecimentos do assunto, ou até mesmo se ele quiser pontos de destaque da obra indicada. Isso está presente em todos capítulos do livro, o livro que ele indica para este tópico é “História dos E.U.A.” e “O que é capital fictício e sua crise”.

Porém, ressalta-se, o livro faz menção da influência da crise de 1929 no Brasil apenas por meio de uma questão, para refletir sobre o tema. Mas para o estudante entender melhor sobre tal influência da crise no destino da nação brasileira é importante fazer uma ligação com o Capítulo 3 na página 45. E essa ligação ou até rememoração depende estreitamente da qualidade de ensino do docente e da dedicação por parte da classe para com a leitura do livro didático, do qual, para que se entenda que a crise de 29 influenciou diretamente nas eleições de 1930, levando Getúlio Vargas ao poder.

O livro didático deixa claro que a ascensão do fascismo se deve muito pela crise de 1929, mas também pela crença idílica de lideranças fortes contrárias ao socialismo e ao liberalismo da época. Alfredo Boulos referencia no texto Robert Paxton, autor do livro *Anatomia do Fascismo*, obra inclusive presente na grade curricular da disciplina História Contemporânea II no Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Parnaíba. Boulos usa a obra de Paxton para explicar os principais pontos do fascismo italiano, o que é uma excelente fonte de pesquisa e leitura, pois é uma obra requisitada em faculdades e além de aproximar a Educação Básica e a universidade. A parte de fascismo italiano é muito bem explicada, com muitas figuras, dada de forma objetiva e bem clara para o leitor. Porém faltou algo no vocabulário do livro, nenhum momento ele diz diretamente se o fascismo italiano era de direita, ele menciona que Mussolini era socialista, porém no pós Primeira Guerra Mundial abandonou essas ideias; defendia um nacionalismo extremado; ódio às democracias e ao comunismo com um medo crescente do socialismo e comunismo; reforçava o uso da violência, havia uma aliança com a igreja católica; presença de censuras. Todos os termos presentes da página 110 a 112, mas em nenhum momento se diz o lado político, esquerda ou direita. Perdendo, assim, a oportunidade de incentivar o professor a fazer debate junto ao alunado sobre isso, pelo menos a sugestão para professores que são mais presos ao livro. O uso da palavra “extrema-direita” está presente apenas uma vez no livro, é no texto de apoio para o manual do professor, posto aqui como uma citação direta do livro *As origens do fascismo*, de José Carlos Mariátegui.

No tópico “Nazismo na Alemanha”, que vai da página 113 a 116, contém uma página a mais do que o tópico sobre o fascismo italiano. Aqui é importante ressaltar a construção crítica que o autor dá sobre o nazismo desde a sua ascensão devido ao Tratado de Versalhes, que é visto por parte dos alemães da época como uma injustiça; a crise na Alemanha e a crença de um salvador da pátria com soluções “mágicas”. Aqui ele sugere no livro para o professor “Uma crise alemã”, contudo essas indicações de livros também deveriam estar para os estudantes, indicações historiográficas como essa ajudam e muito o desenvolvimento intelectual crítico do alunado, o livro didático dá caminhos que influenciam toda a base estudantil. É essencial que livros indicados estejam também disponíveis nas bibliotecas, parece uma realidade utópica, pois muitas escolas não têm nem o livro didático. Por isso, seria bom o professor levar trechos de referências dadas no livro didático e outras fontes, disponibilizar trechos para os discentes e promover o debate. Muitas vezes subestimamos os lecionados que eles não vão ler ou não vão entender sem nem mesmo fazer uma única tentativa da proposta de leitura.

Figura 4: O antisemitismo nazista.

Ditadura hitlerista

Em 1933, Hermann Goering, chefe das SA, criou a **Polícia Secreta do Estado** (Gestapo). Em 1934, com a morte de Von Hindenburg, Hitler assumiu a presidência com o título de **Führer** (guia, condutor). No campo econômico, desenvolveu as indústrias de base (ferro, aço, máquinas), investiu em obras públicas e estimulou as fábricas de armas, diminuindo, com isso, o desemprego. Mas, ao mesmo tempo, não cumpriu nenhuma de suas promessas ao povo: os salários foram congelados, a **reforma agrária** não saiu do papel e os trusts, como o do grupo Krupp, ganharam maior liberdade para agir.

O antisemitismo nazista

Sob o comando de Hitler, o Estado nazista tomou uma série de medidas discriminatórias contra os judeus:

- 1933 – o namoro e o casamento entre judeus e “arianos” foram proibidos por lei; os funcionários públicos judeus foram aposentados e proibidos de trabalhar na imprensa, nos tribunais e na saúde; e os estudantes judeus foram obrigados a usar um número de identificação para entrar nas escolas e nas universidades.
- 1936 – os judeus foram expulsos do Exército.
- 1938 – os judeus foram obrigados a usar documento de identidade e passaporte especiais; e seu patrimônio (bens e capitais) foi bloqueado.

Em 9 de novembro de 1938, militares nazistas vestidos à paisana promoveram um ataque violento aos judeus e às suas lojas, que ficou conhecido como **Noite dos Cristais**, por causa da destruição de um grande número de vitrines e vidraças. Além disso, centenas de sinagogas foram incendiadas e milhares de judeus foram presos e mandados para os campos de concentração.

Propaganda antisemita veiculada na Alemanha nazista, em 1936. À direita, vê-se um garoto, representado como judeu, puxando as tranças de uma menina loura; à esquerda e ao centro, crianças alemãs zombam e fazem caretas para crianças judias, que, sentindo-se constrangidas, deixam a escola acompanhadas de um adulto, que também é judeu (note o *quippá* em sua cabeça).

Texto de apoio

O antisemitismo nazista

O ensino era padronizado, e o partido distribuía cartilhas para os professores indicando a metodologia a ser utilizada. Havia uma relação estreita entre o que se ensinava na escola e os acontecimentos políticos contemporâneos. Por exemplo, quando foi iniciada a campanha militar na Polônia, os alunos já haviam aprendido na escola que os poloneses eram fracos e inferiores à raça ariana.

Uma editora chamada Der Strumer, que divulgava as ideias nazistas, publicou manuais escolares que continham ensinamentos ideológicos para crianças alemãs. O antisemitismo e os valores do partido já se faziam presentes na alfabetização. Essa editora publicava também um manual para os professores, orientando-os sobre as formas de estimular nas crianças a aversão aos judeus: o mestre deveria usar imagens que apresentassem judeus de maneira deformada e estética-

Reforma agrária: conjunto de medidas jurídicas e econômicas que visam melhorar a distribuição das terras cultiváveis, tornando a propriedade, a posse e o uso da terra acessíveis a um número maior de pessoas ou famílias.
Quippá: pequena boina que os judeus usam no alto da cabeça.

Dica! Discurso final do filme *O Grande Ditador*, de Charles Chaplin. Duração: 3min47s. Disponível em: <<http://livro.pro/qtviro>>. Acesso em: 24 nov. 2018.

DIALOGANDO
O que esta imagem expressa? Com que objetivo?

ENCAMINHAMENTO

• Aprofundar o assunto acessando o texto: EUGEN Hadamovsky e a teoria da propaganda totalitária na Alemanha nazista. Disponível em: <<http://livro.pro/qvdu8>>. Acesso em: 9 nov. 2018.

Dialogando

Ela expressa o antisemitismo: o objetivo era demonizar o adversário e, assim, justificar ações violentas contra ele.

mente feia, contrastando com as de arianos, expressão do belo. Deveriam mostrar que o judeu andava e falava de forma diferente do ariano. Nas aulas de História, os alunos aprendiam que os judeus haviam destruído as maiores civilizações do mundo, como as do Egito, da Pérsia e de Roma.

Nos livros de contos infantis publicados pela Der Strumer, o judeu era apontado como “não humano”. Um deles, de autoria de uma estudante de arte de 18 anos, chamada Elvira Bauer, tinha o seguinte título: “Não confie numa raposa em um campo verde ou na palavra de um judeu”. As ilustrações do livro mostravam o contraste entre judeus e alemães. As expressões maliciosas do judeu e da raposa complementavam a ideia de desconfiança: a raposa era retratada em posição de ataque a uma presa, e o judeu, jurando em falso, tinha atrás da cabeça uma estrela de Davi. Cabe esclarecer que no folclore alemão a raposa, tida como traiçoeira, conquistando suas presas com juramentos falsos, é símbolo do mal. Aparecendo muitas vezes como representação do demônio. A comparação com o judeu é facilmente identificável. Publicado em 1935, o conto teve sete edições.

Em 1938 foi publicado pelo mesmo órgão o livro *O cogumelo venenoso*, uma história em que a mãe ensina o filho a distinguir cogumelos, comparando-os com as pessoas boas e más. Os judeus são classificados como más porque podem assumir formas diferentes, o que torna difícil distingui-los dos não judeus. [...]

D’ALESSIO, Marcia Mansor; CAPELATO, Maria Helena. Nazismo: política, cultura e holocausto. São Paulo: Atual, 2004. p. 40-41.

Fonte: História Sociedade & Cidadania, 2018, p. 115.

O foco dado ao antissemitismo e ao Holocausto é muito bem trabalhado e explicado, promove bem a reflexão desde tem para os estudantes. Apesar disso, como na parte do fascismo italiano, faltou entrar no mérito de lado político e discutir a extrema direita.

Por que este foco em dizer lados políticos? Porque se tem noticiado, por exemplo, na *Folha de São Paulo*, no artigo *Propagação de suástica e ideias nazistas em escolas acende alerta*, de Isabella Menon, do qual ela inicia com o fato de um adolescente com uma suástica no braço ter invadido duas escolas, matando quatro pessoas e ferindo outras 13 a tiros. E também refletindo sobre as apologias ao nazismo em instituições de ensino e propagação de símbolos e ideias hitleristas no ambiente escolar. Chamando a atenção para o monitoramento de ações de grupos extremistas dentro e fora da internet, com isso, se pede o apoio da polícia, atenção das escolas e responsáveis para que consigam identificar pensamentos de extrema direita por parte dos jovens. A extrema direita tem usado da Internet para propagar seus ideais, como reflete no artigo *Tour pela internet: onde a extrema direita está dentro das redes digitais brasileiras*, da página em “Em Pauta” da equipe de acadêmicos do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) (Bernardo; Cardoso, 2023), onde se discute os novos movimentos da extrema-direita articulados em diversas mídias sociais, com uma crescente na última década, aparecendo em diversos governos e organizações ao redor do mundo.

Portanto, a internet está sendo utilizada para radicalizar jovens indo contra a democracia e direitos básicos da humanidade. Esses discursos de ódio nazifascistas estão presentes nas redes sociais que colegiais de qualquer escola do Brasil, em qualquer idade, têm acesso. Os grupos da direita radical fazem apologias muito parecidas descritas no livro didático, como: antissemitismo, ódio as instituições democráticas e racismo. Logo, é do cotidiano do alunado, sendo essencial desde cedo discutir na sala de aula temas relacionados a políticas, principalmente em uma disciplina de História, uma matéria essencialmente política, onde cabe debates, provocações e análises críticas.

Outro ponto que poderia ser trabalhado no próprio capítulo 7, é a influência do nazifascismo no Brasil com o integralismo, movimento político que surgiu no início do século XX. Caracterizado pelo seu ultranacionalismo, autoritarismo e defesa de um estado corporativista. Essa parte da história do Brasil está presente na página 48 do capítulo 3, mas que deveria estar presente neste capítulo também, sendo necessário uma recordação por meio do docente ou discente. Porém, seria mais interessante está no livro dos estudantes, apesar de o livro trazer de forma didáticas os estudos, e de forma objetiva, ele poderia ser mais crítico e

instigar mais os estudantes a pensarem em temas como esses. Parece bastante que o livro limita o discente ao docente, um estudante dependente da boa ação do professor. Onde está a autonomia estudantil?

Figura 5: O termo “extrema-direita” aparece apenas na versão do professor no texto de apoio.

A Marcha sobre Roma

O fascismo italiano cresceu rapidamente com base no apoio de grandes empresários, assustados com o crescimento dos socialistas e comunistas nas eleições parlamentares Italianas. Esses empresários começaram a ver no movimento fascista o único meio de manter a ordem social que os favorecia. O fascismo italiano recebeu também o apoio de pessoas de diferentes origens sociais: desde ex-combatentes e desempregados até pequenos camponeses e professores universitários. O que os unia eram valores tais como: desprezo pelos socialistas e comunistas, nacionalismo extremado e a atração pelo uso da violência.

Fortalecido, o movimento fascista italiano transformou-se em um partido político, o **Partido Nacional Fascista** (1921), que, em poucos meses, já contava com 300 mil integrantes obedientes ao Duce (chefe) Benito Mussolini.

No ano seguinte, aproveitando-se de uma greve geral deflagrada por comunistas e socialistas, Mussolini ameaçou: ou o governo italiano restabelecia a ordem ou os fascistas o fariam. Percebendo que o rei da Itália, Vittorio Emanuele III, fraquejava, Mussolini planejou e comandou o assalto ao poder. Em 1922, liderou a **Marcha sobre Roma**: à frente de milhares de fascistas (os camisas-negras) vindos de várias partes da Itália, invadiu a capital para exigir o poder.

O rei Vittorio Emanuele III cedeu à pressão fascista e convidou Mussolini para ser primeiro-ministro; Mussolini se tornou então o chefe de governo da Itália.

Fascistas caminham em direção à capital italiana, no episódio conhecido como Marcha sobre Roma, 1922



ENCAMINHAMENTO

• Aprofundar o assunto acessando o texto: O FASCISMO e as fases de Benito Mussolini. Disponível em: <<http://livro.pro/8sy7rh>>. Acesso em: 9 nov. 2018.

Dica de leitura

• MARIÁTEGUI, José Carlos. **As origens do fascismo**. São Paulo: Alameda, 2010.

Nesse livro, o autor oferece uma explicação para as origens do fascismo, fenômeno político que exerceu enorme influência em alguns países ao longo do século XX.



Texto de apoio

Os fascistas e os liberais no Parlamento italiano

A marcha sobre Roma encontrou resistência muito escassa nos fautores do ideário liberal e democrático. A burguesia pôs à disposição do fascismo seus jornais, seus políticos, seu dinheiro, todos ou quase todos seus instrumentos de domínio da opinião pública. Os deputados fascistas não

eram senão trinta e cinco. A seus votos se somavam na Câmara os dos nacionalistas, os dos agrários e de outros elementos da **extrema direita**; mas, ainda com essas adesões, o fascismo e o filo-fascismo constituíam no Parlamento uma minoria reduzida. Cada um dos partidos de massa, o Socialista e o Popular (ou católico), contava na Câmara com uma representação mais numerosa que a de todos os grupos de direita coligados. E os grupos liberais

conservavam a maioria absoluta. O liberalismo não quis, entretanto, assumir a defesa da legalidade. Aceitou e sancionou o golpe de Estado mussoliniano. E os populares decidiram concordar também com sua adesão ao novo regime, seguindo seu exemplo. Poucos liberais se mantiveram fiéis ao programa liberal [...].

MARIÁTEGUI, José Carlos. *As origens do fascismo*. São Paulo: Alameda, 2010. p. 217.

O capítulo 8 entra inteiramente na Segunda Guerra Mundial estando de acordo com a habilidade de EF09HI13 da BNCC. Como este capítulo é destinado totalmente para a guerra, ele conta, sem os exercícios, com 11 páginas.

Para início de conversa é observado bem o uso das imagens e a instigação para o alunado observar fotos, a primeira figura do capítulo é a capa do gibi do Capitão América da *Marvel*, do qual ele está batendo no Hitler. Estratégia ótima, pois, além de boa parte dos lecionados de Ensino Fundamental gostarem de heróis e Histórias em Quadrinhos (HQ's), isso aproxima os estudantes para o tema a ser trabalhado, mas também, coloca Hitler na posição de vilão a ser combatido pelo herói. Além disso, Alfredo Bolos usou de muitas figuras cartunescas, o que facilita o entendimento e a imersão da turma no estudo do tema.

Figura 6: Introdução ao capítulo 8.

ORIENTAÇÕES GERAIS

Este capítulo foi elaborado visando atender à habilidade EF09HI13 da BNCC:

- Descrever e contextualizar os processos da emergência do fascismo e do nazismo, a consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio (como o holocausto).

A imagem é da capa da edição nº 1 do gibi do Capitão América, herói estadunidense criado pela *Marvel Comics*, no início da Segunda Guerra Mundial, para combater o nazismo. Ao centro, o Capitão América, o herói da história, aparece socando Hitler, o vilão. No canto inferior esquerdo, um militar nazista, com a suástica no braço direito, atira no Capitão América, cujo escudo é indestrutível e, por isso, a bala não consegue penetrá-lo. Recorremos uma vez mais a uma imagem de época para interessar o alunado pelo tema ao qual a imagem está relacionada. No final do capítulo, pode-se retornar a essa imagem do universo das HQs e levantar questões como propaganda e guerra, indústria cultural e guerra, história em quadrinhos e História.

Texto de apoio

O texto a seguir é de Rodrigo Aparecido de Araújo Pedrosa, mestre em História Social pela USP.

Os ideais políticos e ideológicos nas HQ's do Capitão América

Em março de 1941 chegava às bancas de jornal dos Estados Unidos da América (EUA) a primeira edição da revista em quadrinhos do Capitão América; a capa mostrava um novo super-herói, vestindo a bandeira do país, dando um soco no queixo de Adolf Hitler, ditador da Alemanha. O personagem foi criado pelos artistas Joe Simon e Jack Kirby, encomendado pela editora de quadrinhos *Timely Comics* (que posteriormente tornou-se a *Marvel Comics*); a ideia era criar um herói que estivesse engajado no combate à ameaça nazifascista e que servisse como divulgador dos ideais democráticos e liberais dos Estados Unidos. Assim, pode-se dizer que o Capitão América é um personagem

CAPÍTULO

8

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Observe a imagem com atenção.



Você conhece esses personagens?
Quem é o herói? Quem é o vilão?
O que está acontecendo na cena?

120

criado especificamente para atender determinadas demandas políticas ideológicas, voltadas à propaganda contra os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) no período da Segunda Guerra Mundial.

[...]

PEDROSO, Rodrigo Aparecido de Araújo. Guerra Fria e anticomunismo nas histórias em quadrinhos do Capitão América de 1954. In: XI ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHILAC, Anais... Rio de Janeiro: UFF, 2014. p. 1.

Fonte: História Sociedade & Cidadania, 2018, página 120.

O capítulo segue tendo o padrão de qualidade do autor, promovendo discussões dos assuntos, sugerindo ao professor debates e análises de figuras e dos textos de apoio, também indica livros de auxílio. O autor coloca muitos mapas, o que realmente melhora a localização geográfica, pois se trata de um outro continente. Tem-se a presença de figuras reais, promovendo uma apreciação detalhada sobre o tempo e o contexto da guerra, é admirável o uso de figuras bem contextualizadas e sem apologia de violência.

Mas pontos importantes devem ser levantados, principalmente ao que se trata no enfoque deste artigo: o Brasil na Guerra. No livro de Boulos apareceu apenas em uma página, como uma sessão de curiosidade, apenas trocando vocábulo “curiosidade” para a frase “Para saber mais”. No livro do aprendiz o texto indicado pelo autor traz a participação brasileira bem resumida, enquanto no livro do professor é sugerido o desenvolvimento do tema de diversas maneiras. Propondo, por exemplo, explicar a neutralidade de Vargas; as divisões do governo que eram favoráveis ao governo alemão e outros que eram favoráveis a uma aliança com os Estados Unidos. E, como última sugestão de intervenção, discutir o cemitério na Itália destinado para os pracinhas mortos na campanha militar em terras italianas. O livro traz uma página para o tema, mas está única página e mais as discussões sugeridas, somadas a um possível interesse do professor pelo tema, pode levar a uma ou mais aulas sobre o tema sugerido.

Assim como em outros pontos do livro, o autor aqui não sugere bibliografias acadêmicas para apoio do professor nem mesmo sugere um filme presente na sessão “imagens em movimento”. Também é de se chamar atenção que o livro traz sete questões sobre a Segunda Guerra Mundial, algumas divididas em tópicos de A até E, porém, somente uma faz menção ao Brasil: que é a 7ª questão. Ela faz relação sobre a política de boa vizinhança que envolveu o continente americano. Nessa questão é extraído um trecho do livro *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*, de Francisco Ferraz, usado também neste trabalho para melhor entendimento do tema. Mas a questão, em nenhum momento, faz menção a FEB, e nem mesmo ao símbolo da “cobra fumando”, que se tornou um distintivo dos expedicionários na guerra e também popularizado em um desenho criado por Walt Disney¹, publicado no jornal *O Globo Expedicionário* e reproduzido na introdução deste trabalho. No livro de Boulos, o foco da questão está estritamente na política da boa vizinhança e na visita do Walt Disney ao Brasil.

¹ O interessante é que ele fez o símbolo da FEB, uma tropa brasileira que iria para a Europa combater tropas fascistas. A FEB em sua essência seria um exército antifascista, o que vai contra totalmente aos flertes antissemitas e admirações nazistas que envolvem Wald Disney (GABLER, 2020, p. 683).

Figura 7: Questão sobre brasileiros e Segunda Guerra Mundial.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

Vozes do presente

a) Quando a Alemanha começou a acumular vitórias na Europa e a guerra se estendeu ao norte da África.

b) O Birô Interamericano propunha-se a estimular as economias latino-americanas e disseminar os valores estadunidenses por meio de programas nas áreas de educação, cultura e propaganda.

c) O personagem foi criado no contexto da política da boa vizinhança posta em prática pelos Estados Unidos na América Latina; nesse contexto, Walt Disney e sua equipe viajaram ao Brasil para “arrumar um parceiro para o Pato Donald”; o objetivo da viagem, no entanto, era político. A intenção dos estadunidenses era estreitar relações comerciais com o Brasil e afastar a influência alemã no governo Vargas. O então famoso cartunista carioca, J. Carlos, fez os primeiros desenhos do personagem. O Zé Carioca estreou nos quadrinhos na **Revista do Pato Donald**, em 1950.

d) Ele a critica dizendo que ela foi apresentada como uma via de mão dupla, quando, na verdade, consistiu na divulgação unilateral de valores e produtos norte-americanos.

e) Resposta pessoal.

Professor: a intenção desta atividade é estimular o aluno a avaliar e opinar, um exercício importante para a educação histórica e o exercício da cidadania.

VOZES DO PRESENTE

A política da boa vizinhança

A medida que [...] a guerra se espalhava [...] e o Eixo conquistava cada vez mais simpatizantes na América do Sul, os esforços norte-americanos para garantir o apoio latino-americano às suas políticas iam sendo ampliados. Em agosto de 1940, foi criado o [...] “Birô Interamericano” ou simplesmente “Birô”, e tinha sede no Rio de Janeiro. Suas funções eram promover medidas para estimular a recuperação das economias da América Latina e produzir programas de educação, cultura e propaganda que disseminassem os valores norte-americanos [...].

[...] Das medidas de “boa vizinhança” empreendidas, as mais visíveis foram aquelas de caráter cultural. Hollywood “descobriu” a América Latina e vários filmes foram feitos utilizando suas temáticas, cenários e atores. No Brasil, a presença de Carmen Miranda em películas de Hollywood, a criação do personagem Zé Carioca, por Walt Disney [...], tornaram-se as “contribuições” mais notórias. [...]

Contudo, por mais que se apresentasse como uma via de mão dupla, na verdade a política de “boa vizinhança” consistiu na disseminação unilateral de valores e produtos de consumo norte-americano. [...] Quando a guerra acabou, a presença da cultura latino-americana nos Estados Unidos praticamente desapareceu e os **estereótipos** pouco edificantes voltaram a preencher as telas do cinema, as páginas de jornais, revistas e livros e a própria política externa do país.

Estereótipo: ideia ou visão preconcebida sobre alguém ou algo; preconceito.

A atriz e cantora Carmen Miranda, c. 1950.

FERRAZ, Francisco César. Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 30-32.

a) Segundo o texto, em que momento da Segunda Guerra os Estados Unidos redobram seus esforços para conquistar aliados na América Latina?

b) Visando estabelecer ou estreitar alianças na América Latina, os Estados Unidos criaram o “Birô Interamericano”, com sede no Rio de Janeiro; quais eram suas funções?

c) Em que contexto se deu a criação do personagem Zé Carioca?

d) Como o autor do texto analisa a política de boa vizinhança?

e) **Em dupla.** Debatam, reflitam e respondam: qual a visão de vocês sobre a política da boa vizinhança? Se necessário, pesquisem sobre ela para argumentar com mais consistência.

Fonte: História Sociedade & Cidadania, 2018, p. 134.

2.2. O Livro do 3º ano no CETI Senador Chagas Rodrigues: *Oficina de História*

O livro didático utilizado pelo CETI Senador Chagas Rodrigues nas turmas de Ensino Médio era o *Oficina de História*, da editora Leya Brasil. Para o 3º ano era utilizado o volume 3, na sua 2ª edição, publicado em 2016. São três autores para a composição do manual, sendo eles Flávio de Campos, graduado em História pela PUC/SP, mestre em História Social pela USP e professor Doutor do Departamento de História da USP; Júlio Pimentel, graduado em História pela USP, mestre em História pela USP, doutor em História pela USP, especialista em História da América e História da Cultura; e Regina Claro, graduada em História pela USP, mestra em História Social pela USP, doutora pela Faculdade Educação da USP e especialista em História e Cultura Africana e Afro-americana; ela inclusive desenvolve

projetos de capacitação para professores da rede pública em atendimento à Lei 10.639/03. Todos os três são autores de livros didáticos e paradidáticos. A obra possui nove capítulos divididos em itens com os assuntos a serem estudados. Um dos capítulos não é contabilizado, pois é como se fosse uma introdução, recapitulação da Revolução Industrial, Imperialismo, Ideologias e Repúblicas. Logo no seu início, o livro mostra a matriz de referência do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), mostrando tabelas com os Eixos Cognitivos, matriz de referência de Ciências Humanas e suas Tecnologias, perpassando em competências e habilidades de acordo com a BNCC.

Figura 8: Matrizes de Referência do ENEM.



Enem: matriz de referências

Os quadros a seguir trazem os elementos indispensáveis para a compreensão das competências, habilidades e conteúdos propostos como referências para o Enem. Utilizaremos as abreviaturas assinaladas a seguir nas atividades, representadas pelo ícone .

Disponível em: <http://goo.gl/hp1lca>. Acesso em: 30 abr. 2016.

2.1. EIXOS COGNITIVOS (comuns a todas as áreas de conhecimento)

1. Dominar línguas:	(DL)	dominar a norma culta da Língua Portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica e das línguas espanhola e inglesa.
2. Compreender fenômenos:	(CF)	construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas.
3. Enfrentar situações-problema:	(SP)	selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representados de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema.
4. Construir argumentação:	(CA)	relacionar informações, representadas em diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente.
5. Elaborar propostas:	(EP)	recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

2.2. MATRIZ DE REFERÊNCIA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

COMPETÊNCIAS	HABILIDADES
Competência de área 1. Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.	H1 - Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.
	H2 - Analisar a produção da memória pelas sociedades humanas.
	H3 - Associar as manifestações culturais do presente aos seus processos históricos.
	H4 - Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.
	H5 - Identificar as manifestações ou representações da diversidade do patrimônio cultural e artístico em diferentes sociedades.
Competência de área 2. Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.	H6 - Interpretar diferentes representações gráficas e cartográficas dos espaços geográficos.
	H7 - Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.
	H8 - Analisar a ação dos estados nacionais no que se refere à dinâmica dos fluxos populacionais e no enfrentamento de problemas de ordem econômico-social.
	H9 - Comparar o significado histórico-geográfico das organizações políticas e socioeconômicas em escala local, regional ou mundial.

Destaque deste manual é que ele traz “procedimentos metodológicos” que seriam cruciais para melhorar o sentido crítico e questionador do leitor, o que ajuda bastante no melhor entendimento do livro, das questões, e até mesmo na vida social. Procedimentos metodológicos esses: “como analisar um filme”; “como analisar a imagem”; “como interpretar um texto” e “como analisar um mapa”. Tais procedimentos facilitam bastante na resolução de questões elaboradas pelo professor ou do próprio livro, simulados de provas como ENEM ou outros vestibulares. É interessante como esses procedimentos ajudam também em outras disciplinas, como: Geografia, Português e Redação, fazendo assim, uma prática interdisciplinar.

Figura 9: Procedimentos metodológicos.

Procedimentos metodológicos

Como analisar um Filme

Os filmes contam histórias por meio de imagens, sons, diálogos e efeitos especiais que conduzem o espectador através de uma narrativa recheada de mensagens e informações. De olho em sua marcante presença na sociedade em que vivemos, ao final de cada capítulo há a subseção **Em Cartaz**, para que você possa explorar os conteúdos a partir dessa linguagem.

Mesmo que baseados em fatos considerados reais, os filmes que possuem como tema uma situação histórica devem ser compreendidos como representações dessa situação. Da seja, não são “a História”, mas discursos e visões “sobre a História”. Apesar disso, podem auxiliar na produção de reflexões e conhecimentos, pois a partir deles podemos discutir determinadas visões sobre uma dada sociedade e organizar informações e conceitos a seu respeito.

Mas, para que isso seja possível, antes de analisar qualquer filme, é importante levar em consideração:

- 1 O momento em que foi produzido;
- 2 Seu diretor e país de origem, pois, além de imagens, as películas também possuem características e pontos de vista do presente sobre o passado;
- 3 O tema do filme e seus personagens principais;
- 4 O momento histórico em que transcorre a trama do filme;
- 5 As mensagens transmitidas pelo filme e as partes de vista expressadas ao longo da sua narrativa.



Como analisar uma Imagem

Para interpretar uma imagem – obras de arte, fotos e ilustrações –, esteja atento a alguns procedimentos.



Dantas Jr., Paulo Cassia. Charge estralada de jornal Folha de S. Paulo, caderno Ilustrada, 24 de abril de 1964.

Procure seguir estes procedimentos:

- 1 Identifique o que está no centro e à frente na figura. Geralmente, é o que o autor da imagem procura destacar;
- 2 Verifique as espaços laterais, aquilo que está mais longe do centro, ao fundo ou ao alto;
- 3 Note se há espaços fechados e espaços abertos;
- 4 Identifique todas as pessoas, animais, construções e demais figuras que compõem a imagem;
- 5 Confira se há personagens ou figuras excêntricas ou excêntricas;
- 6 Verifique as ações que estão sendo retratadas. Qual é o principal? Quais são as secundárias (se houver)?
- 7 Preste atenção nas expressões faciais e atitudes dos personagens. Não se esqueça dos pequenos detalhes, pois eles podem revelar muito;
- 8 Procure identificar o tema ou o assunto da imagem;
- 9 Procure identificar o período e o contexto em que a imagem foi produzida;
- 10 Procure formular hipóteses sobre as mensagens apresentadas pela imagem.

Como interpretar um Texto

Para os textos, procure seguir estes procedimentos:

- 1 Faça uma primeira leitura do texto;
- 2 Faça uma lista com as **palavras** que não entendeu;
- 3 Agora, organize essa lista: palavras cujo significado você poderia adivinhar; e palavras que, pelo texto, você já entendeu;
- 4 Consulte o dicionário de língua portuguesa. Tire suas dúvidas;
- 5 Agora procure informações sobre o **autor** desse texto. Quem é? A qual grupo social pertence (a)?
- 6 Identifique o **assunto** do texto;
- 7 Faça uma nova leitura completa e responda as questões propostas.

“Lutei contra a exploração do Brasil. Lutei contra a **exploração do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vou dar a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História”.**

“Carta de Getúlio Vargas”,
Diário de Notícias, Rio de Janeiro,
23 de agosto de 1934.

Como analisar um Mapa

O mapa é uma representação de determinado espaço geográfico, que utiliza texto e imagem.

Para os mapas, procure seguir estes procedimentos:

- 1 Leia o título do mapa. Nele está contido o assunto representado;
- 2 Identifique quais são as partes do mundo retratadas;
- 3 Observe quais são as partes destacadas (países, continentes, regiões...);
- 4 Confira a posição relativa de localização em relação ao lugar onde você se encontra, ao norte, ao sul, a leste ou a oeste;
- 5 Note se há rios e mares representados;
- 6 Verifique se há indicação de cidades, rios, impérios ou outra divisão política no mapa;
- 7 Veja se há representação de relevo ou vegetação;
- 8 Preste atenção às legendas. Identifique no mapa os sinais e as cores na legenda. São informações muito importantes;
- 9 Identifique o momento histórico representado;
- 10 Faça agora uma leitura global do mapa. Procure relacionar as informações apresentadas;
- 11 Analise o assunto e as informações trazidas pelo mapa ao tema desenvolvido no capítulo.



Fonte: Elaborado com base em BACZ, J. World History atlas. London: Hodder Education, 2016.

Fonte: Oficina de História – volume 3, 2016, p. 10-11.

Portanto, cada capítulo se divide em itens numerados onde se desenvolvem os conteúdos. Os capítulos são organizados em texto central e texto complementar, esse último é destacado com uma cor diferente do texto central. No texto complementar consta com uma citação de alguma análise historiográfica ou com textos literários. O livro traz consigo documentos, imagens, gráficos, tabelas e mapas. Os autores incentivam bastante a interdisciplina, contando em cada capítulo uma seção chamada: “um outro olhar”. Traz também dúvidas para os estudantes para instigar seu senso crítico e também dicas de sites

para aprofundar os conhecimentos da sala de aula, podendo ser acessado por *QR Code*. Algo que merece destaque é que no final de cada capítulo tem uma seção chamada “estante”, onde os autores dão dicas de livros para o leitor aprofundar os conhecimentos.

Visualmente, o livro é bem organizado e possui diversas atividades, desde questões relacionadas ao Enem e outros vestibulares, mas também questões subjetivas, puxando para uma interpretação de texto. Percebe-se que os autores deste livro didático incentivam constantemente os discentes a lerem e interpretar textos e imagens, assim, lhes dando uma melhor autonomia estudantil, o que reflete positivamente no desempenho deles nas outras disciplinas de humanas e linguagem.

Mas o foco aqui está no capítulo 2, intitulado “O destino bate à sua porta”, mais especificamente no item 3 “O fascismo e o nazismo”. E o capítulo 4 “A Segunda Guerra Mundial”, no item 2, pois é onde vai ter alguma menção ao Brasil. Mas cabe ressaltar que no capítulo 2, o item 2 “Crise de 29” traz um tópico para explicar a influência da crise no mundo, incluindo o Brasil. Nas terras brasileiras, a crise de 1929, de acordo com o livro, teve alguma influência mais de maneira política. Desde a queima do café por insatisfação dos cafeicultores, o surgimento da Aliança Liberal que acabou lançando Vargas ao poder. Ou seja, a crise de 1929 teve consequência direta para o destino político da nação brasileira, mas também no mundo.

O item 3, “O fascismo e o nazismo”, já inicia com uma linha do tempo sobre a emergência do totalitarismo do século XX, passando pelos principais pontos que levaram o nazifascismo ao poder:

Figura 10: Linha do tempo – Emergência do Totalitarismo.



Fonte: Oficina de História – volume 3, 2016, p. 65

O livro traz poucas figuras, mas bons textos de apoio, que dão enfoque às características do nazifascismo. Um sobre o antissemitismo, texto extraído de Annette Wieworka, intitulado *Auschwitz explicado à minha filha*, e outro sobre a ideologia nazista extraído do texto *Loucura coletiva ou desvio da história: as dificuldades de interpretar o nazismo*, da coleção *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico*.

O livro é bem completo no que tange de nazismo e fascismo, mas cabe ao professor trazer outras discussões para além do livro. Por exemplo, a influência dessas duas ideologias no Brasil, como consta no capítulo 3, item 2, do qual o professor deve fazer uma ligação entre os capítulos, no que se refere ao partido brasileiro integralista. Partido esse que tinha características e inimigos semelhantes ao nazifascismo, como: socialistas, comunistas e judeus. E o próprio livro traz dentro do tópico integralista um texto de apoio sobre o “Antissemitismo: ataques aos judeus”, do texto *A sinagoga paulista*. Neste texto são relatadas visões preconceituosas dos integrantes desse partido contra os judeus. Também, como é um livro de Ensino Médio para 3º Ano – do qual vão realizar vestibulares que exigem conhecimentos amplos para realização da prova discursiva – caberia mostrar a lei brasileira que proíbe representações nazistas, sofrendo pena quem fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada, para fins de divulgação do nazismo, conforme a Lei Federal nº 8.882, de 1994. O que expandiria o repertório dos aulistas e, além disso, seria interessante debates sobre a ascensão de políticas de extrema direita nos dias de hoje, como já citado anteriormente.

O capítulo 4, intitulado “A Segunda Guerra Mundial”, contém dois itens, mas o que nos interessa aqui é o item 2: “A guerra”, mais especificamente o tópico “a política externa brasileira”. Nele, o livro didático busca explicar sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, porém, os autores focaram no proveito que o governo brasileiro tirou da guerra para o desenvolvimento industrial em aliança com os Estados Unidos da América (EUA) e os Aliados, aliança essa que deu o surgimento da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Ou seja, o livro foca na política da boa vizinhança e nas vantagens econômicas com a aliança com os Aliados. Também debateram sobre os generais Góis Monteiro e Eurico Gaspar Dutra, e o chefe da Polícia do Distrito Federal, o Major Feliciano Muller, todos favoráveis ao regime nazista, de acordo com o livro. Encerrando a temática, aborda a participação brasileira com um texto de apoio sobre o Zé Carioca, personagem “brasileiro” criado por Walt Disney, sem menções específicas à FEB.

Figura 11: Zé Carioca.

Para o governo dos Estados Unidos, a América do Sul fazia parte do círculo de segurança de suas fronteiras. Não se esperava o envio de tropas brasileiras para a Europa. Bastava estabelecer bases de ação militar e impedir que os alemães tivessem livre trânsito pelo hemisfério Sul. Antes de entrar na guerra, os Estados Unidos garantiram sua retaguarda com uma ampla ofensiva política, cultural e econômica que, além do Brasil, também se dirigiu à Argentina e ao México. Foi a **política de boa vizinhança**, criada oficialmente a partir de 1940.

Afora a CSN, o governo brasileiro criou, em 1942, a Companhia Vale do Rio Doce, para a extração de minérios em Minas Gerais, e a Fábrica Nacional de Motores (FNM), no Rio de Janeiro. Com essas empresas buscava-se abastecer o mercado interno com matérias-primas, bens intermediários (barras de aço, motores, chassis, peças e engrenagens) e bens de produção (máquinas e equipamentos industriais) necessários à produção de outros bens e à diversificação industrial. O impulso à industrialização e à modernização do país realizava-se sob o signo do autoritarismo e do pragmatismo diplomático. Mas a ambiguidade de Vargas teria seu preço.

Simpatizantes do nazismo

Os generais Góis Monteiro e Eurico Gaspar Dutra e o chefe da polícia do Distrito Federal, o major Filinto Müller, eram simpatizantes declarados do regime nazista. Oficiais alemães frequentavam os círculos do poder brasileiro e haviam saudado com entusiasmo o golpe de 1937. Acordos comerciais para a aquisição de armamentos para o Brasil, a participação de 25% de mercadorias alemãs no total de importações brasileiras e extradições de militantes comunistas de origem germânica eram representativos da proximidade diplomática.

Fonte: Oficina de História – volume 3, 2016, p. 114.

Para ler o Zé Carioca

O convencimento das autoridades brasileiras para o apoio às forças Aliadas não se realizou apenas pela remessa de dólares dos Estados Unidos. Como estratégia da política de boa vizinhança, o coordenador dos Negócios Interamericanos, Nelson Rockefeller, promoveu uma série de viagens de artistas, diretores e produtores de Hollywood para a América Latina, em especial para o Brasil.

Em 1939, os brasileiros eram "honrados" com o sucesso de Carmem Miranda nos palcos estadunidenses. A portuguesa vestida de baiana, carregada de penduricalhos e balangandãs, conhecida como "a pequena notável", logo se tornaria um sucesso musical e cinematográfico. *Yes, nós temos bananas*.

Tempos depois, os Estúdios Disney foram encarregados de criar um personagem brasileiro para seus desenhos. Em 1942, no filme *Alô, Amigos*, que significativamente descreve a viagem de uma missão cultural por países da América do Sul, duas aves domésticas se encontram: o Pato Donald e o papagaio Zé Carioca. Afável e hospitaleiro, Zé Carioca fica encantado com a visita do ilustre estadunidense e leva-o a conhecer as maravilhas do Rio de Janeiro: samba, cachaça e uma mulher branca que requebra ao som da inebriante batucada. Ao fundo, o Pão de Açúcar, a bafa de Guanabara e o Cristo Redentor. Bananas para dar e vender.



Capa da revista *Zé Carioca*, Editora Abril, ano XXIII, nº 1111, 23 de fevereiro de 1973.

Bom, o capítulo em nenhum momento menciona a FEB, nem em texto de apoio, nem nas questões. Na seção “estante”, indica *A Segunda Guerra Mundial*, de Antônio Pedro, para o estudante ampliar seus conhecimentos sobre o tema. O referido livro é de difícil acesso, que se acha apenas comprando na faixa de 56 reais. O exemplar já estava em sua 18ª edição no ano de 2019. Como não obtive acesso, não tem como analisá-lo brevemente. O ponto é: por que a FEB não apareceu em nenhum momento do capítulo? Por que não cai no Enem ou entre outros vestibulares?

A FEB só é mencionada no livro didático apenas no capítulo 5, no item 2 “O fim do Estado Novo”, aparecendo apenas em um parágrafo curto:

A participação do Brasil na guerra, ao lado das forças antifascistas, expôs as contradições do regime brasileiro. Apesar da forte influência fascista, o Brasil lutava contra os Estados autoritários europeus, ao lado de países democráticos e da Rússia comunista. A Força Expedicionária Brasileira (FEB), com cerca de 25 mil homens, combateu de 1944 a 1945. Curiosamente, o envio dos contingentes militares ocorreu por iniciativa do governo brasileiro, contra a vontade dos governos dos Estados Unidos e da Inglaterra (Campos; Pimentel; Claro, 2016, p. 132).

Muito curioso isto, pois depende unicamente do interesse do professor de História em desenvolver o tema do Brasil na guerra. Falar da FEB é aproximar o escolar com sua história, é aproximar o educando de um fato tão distante como a Segunda Guerra Mundial, que aconteceu na Europa e no Pacífico, para sua realidade cotidiana. A Segunda Guerra Mundial foi um fato que modificou e modifica a nova ordem mundial e tudo o que nos permeia ideologicamente. Discutir a FEB vai além de assuntos militares ou apenas estudar para um vestibular, é conhecer o seu passado e historicizar um contexto importante para o país. Na apresentação do livro tem a seguinte frase: “Esta não é apenas uma coleção de história. É uma proposta de ensino que se pretende ser questionadora, aberta e estimulante” (Campos, Pimentel, Claro, 2016, p. 3). E porque em nenhum momento do quarto capítulo se estimula a conhecer melhor a participação direta do Brasil na guerra, nem mesmo na forma de “Texto Complementar” ou “Tá na rede”?

2.3. O livro de apoio: *Título II – Bernoulli Sistema de Ensino III – V.4*

Este livro foi utilizado como apoio em minha formação de licenciatura, nos estágios supervisionados e no PRP: a apostila *Bernoulli Ciências Humanas e Linguagens*, o livro II, da editora DRP Ltda. A parte de História foi escrita por Edriano Abreu, professor de História no Colégio Bernoulli e também autor de materiais didáticos para o colégio; e Geraldo Magela, sem informações encontradas sobre o autor. Para esta pesquisa, foi analisado o volume 4, focando no módulo 18 da frente A, do qual está contido o seguinte assunto: “Período entreguerras e Segunda Guerra Mundial”. Esse exemplar, além de ser um apoio, foi um livro presente em minha formação no Ensino Médio, em 2019. Um dos motivos que escolhi foi que, além de conhecê-lo bem, é um livro bastante utilizado por escolas privadas de Parnaíba.

O módulo é organizado em tópicos e subtópicos, sem textos de apoio, como auxílio tem apenas vídeos extras que tem um código e o leitor acessa pelo aplicativo “Bernoulli Play”. Tem muitas imagens e mapas, todos acompanhados com legendas. O texto é organizado em colunas, bem trabalhado e contextualizado. Os tópicos do módulo são: “Crise de 29”; “Nazifascismo”; “Segunda Guerra Mundial” e depois os exercícios. É importante falar que em todo tópico tem um subtópico com “Reflexos no Brasil”.

Para todo efeito, sem querer causar repetições, será focado três pontos deste livro, sendo eles, a introdução do tópico Nazifascismo, os subtópicos “reflexos no Brasil” dos tópicos “Nazifascismo” e “Segunda Guerra Mundial”. Em nazifascismo, a apostila aborda de maneira bem clara: “um dos processos históricos de maior complexidade foi o fascismo, movimento de extrema direita que surgiu na Europa durante a década de 20, no século XX” (Abreu; Magela, 2019, p. 21). Deixando esclarecido, de forma bem didática, que o fascismo é de extrema-direita. Ainda elenca características bem organizadas do fascismo, tais como totalitarismo, militarismo, carácter antidemocrático, nacionalismo, elitismo e corporativismo.

Figura 12: Características gerais dos regimes fascistas.



Benito Mussolini e Adolf Hitler.

Os efeitos da Crise de 29 também foram fundamentais para a consolidação dos regimes fascistas, que consideravam o excesso de democracia e de liberalismo como responsáveis pela Crise. Os adeptos da extrema direita construíram um discurso de combate ao desemprego e de exaltação ao nacionalismo, inclusive no que se refere à economia, angariando, dessa forma, o apoio das massas de desempregados de seus países.

Características gerais

Entre as características comuns aos regimes fascistas desenvolvidos na Europa, destacam-se:

- **Totalitarismo** – Predomínio dos interesses do Estado sobre os individuais, sendo o coletivo mais importante que o particular. Em outras palavras, o totalitarismo nega o individualismo, pois o indivíduo somente se realiza plenamente no coletivo, ou seja, no Estado.
- **Militarismo** – Para o fascismo, a guerra prova quem é o mais forte e que este deve dominar o fraco; os sentimentos e paixões vitais do homem vêm à tona no confronto militar. Hitler, que defendia o militarismo, afirmava que o excesso de liberalismo e o judaísmo, associados ao marxismo, provocaram a derrota da Alemanha na Primeira Guerra.



Manifestação pública do Partido Nazista.

- **Caráter antidemocrático** – Os fascistas defendiam a existência de um governo forte e centralizado, ou seja, um governo ditatorial.
- **Nacionalismo** – Exaltação dos valores nacionais, considerados superiores dentro da sociedade. Esses valores máximos seriam referência para o comportamento e para a ordenação dos indivíduos.
- **Romantismo** – Defesa de que o autossacrifício, a fé e os sentimentos estavam acima da razão na solução dos problemas da sociedade.
- **Crença na infalibilidade do líder** – Acreditava-se que o líder não falhava; na Alemanha, Hitler foi chamado de *Führer*, líder incontestável; na Itália, Mussolini foi chamado de *Duce*, o guia.
- **Elitismo** – Reconhecimento de um grupo reduzido e capaz de comandar a nação para promover o seu desenvolvimento.
- **Corporativismo** – União entre patrões e trabalhadores, comandada pelo Estado, para eliminar os conflitos de classes, considerados um motivo de fraqueza da sociedade. Na Alemanha, essa característica não se manifestou, uma vez que Hitler reprimiu manifestações trabalhistas. Na Itália e em Portugal, foi forte a subordinação dos sindicatos ao Estado.
- **Antissemitismo** – Perseguição com eliminação de minorias étnicas, em especial dos judeus. É importante ressaltar que essa foi a característica mais marcante do nazismo, tendo sido criados campos de concentração e de extermínio pela Alemanha.
- **Unipartidarismo** – Os fascistas defendiam que a existência de vários partidos gerava disputas políticas sem objetividade. Para eles, a existência de um só partido garantiria a plena realização dos interesses da nação.
- **Antibolchevismo** – Os fascistas se opunham fortemente ao marxismo. Isso porque o socialismo é considerado um regime de extrema esquerda, e o fascismo, de extrema-direita, o que os torna doutrinas totalmente opostas.

Fascismo italiano

A Itália participou da Primeira Guerra ao lado das nações vencedoras e não recebeu o esperado, situação que proporcionou uma grande insatisfação por parte dos italianos contra as potências mundiais. A recessão, a inflação e o desemprego, característicos do Pós-Primeira Guerra, favoreceram o avanço da esquerda italiana, que levou trabalhadores a ocuparem algumas fábricas no norte do país, implantando a gestão operária. A movimentação foi tanta que os anos de 1919 e 1920 ficaram conhecidos como biênio vermelho.

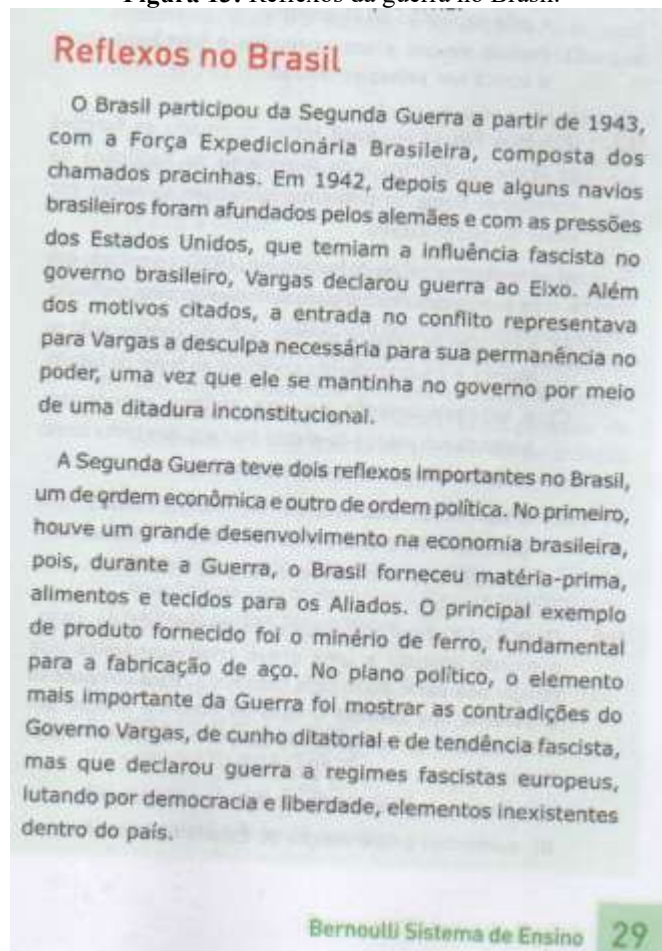
Fonte: Título II – Bernoulli Sistema de Ensino III – V.4, 2019, p. 22.

No subtópico “Reflexos no Brasil”, destaca-se que “o Brasil não ficou imune à ideologia fascista. Em 1932, foi criada a Ação Integralista Brasileira (AIB), partido com

traços fascistas” (Abreu; Magela, 2019, p. 26). Ainda chama atenção para o governo de Getúlio Vargas, advogando que o governo implantou um modelo equivalente ao corporativismo no Brasil, bem como nomeou a Constituição Polaca de 1937 de Constituição Fascista.

Já no subtópico “Reflexo no Brasil”, do tópico “Segundo a Guerra Mundial”, o manual traz dois parágrafos sobre a participação brasileira na guerra. No primeiro, fala da FEB e o motivo da entrada do Brasil que foi após navios brasileiros serem afundados pelos alemães, somado pela pressão dos Estados Unidos. E no segundo parágrafo, fala das consequências da guerra no Brasil, tanto de ordem econômica como de ordem política. Econômica devido ao desenvolvimento da indústria e política, pois após o fim da guerra ficaram expostas às contradições de Getúlio Vargas, que, de acordo com o livro, era “de cunho ditatorial e de tendências fascistas, mas que declarou guerra a regimes fascistas” (Abreu; Magela, 2019, p. 29).

Figura 13: Reflexos da guerra no Brasil.



Fonte: Título II – Bernoulli Sistema de Ensino III – v. 4, 2019, p. 29.

Percebe-se que, por ser apostila e dividir espaço com outras disciplinas de Ciências Humanas e Linguagens, os assuntos podem ficar condensados. Mas isso não acontece aqui, o assunto ficou bem trabalhado, objetivo e o principal, de forma crítica. O livro em nenhum momento poupa palavras para criticar de forma historicizada alguma forma ideológica, deixando claro os lados políticos, seja de “extrema direita” ou de “extrema esquerda”. Isso é essencial para que provoque no discente um questionamento, sem que fique dependente do professor para fazer tal provocação.

Capítulo 2: SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NO CURRÍCULO DO PIAUÍ E NA BNCC

É essencial que vejamos como o assunto está determinado no *Currículo do Piauí: um marco para educação do nosso estado: Educação Infantil – Ensino Fundamental* (Piauí, 2020), publicado pela FGV Editora e usado aqui para analisar como o tema é proposto para o Ensino Fundamental nos anos finais. Além disso, é importante a análise da *Base Nacional Comum Curricular* (Brasil, 2018), publicada pelo Ministério da Educação, utilizada nesta pesquisa para analisar como a Segunda Guerra Mundial é proposta para o Ensino Médio.

2.1. Currículo do Piauí

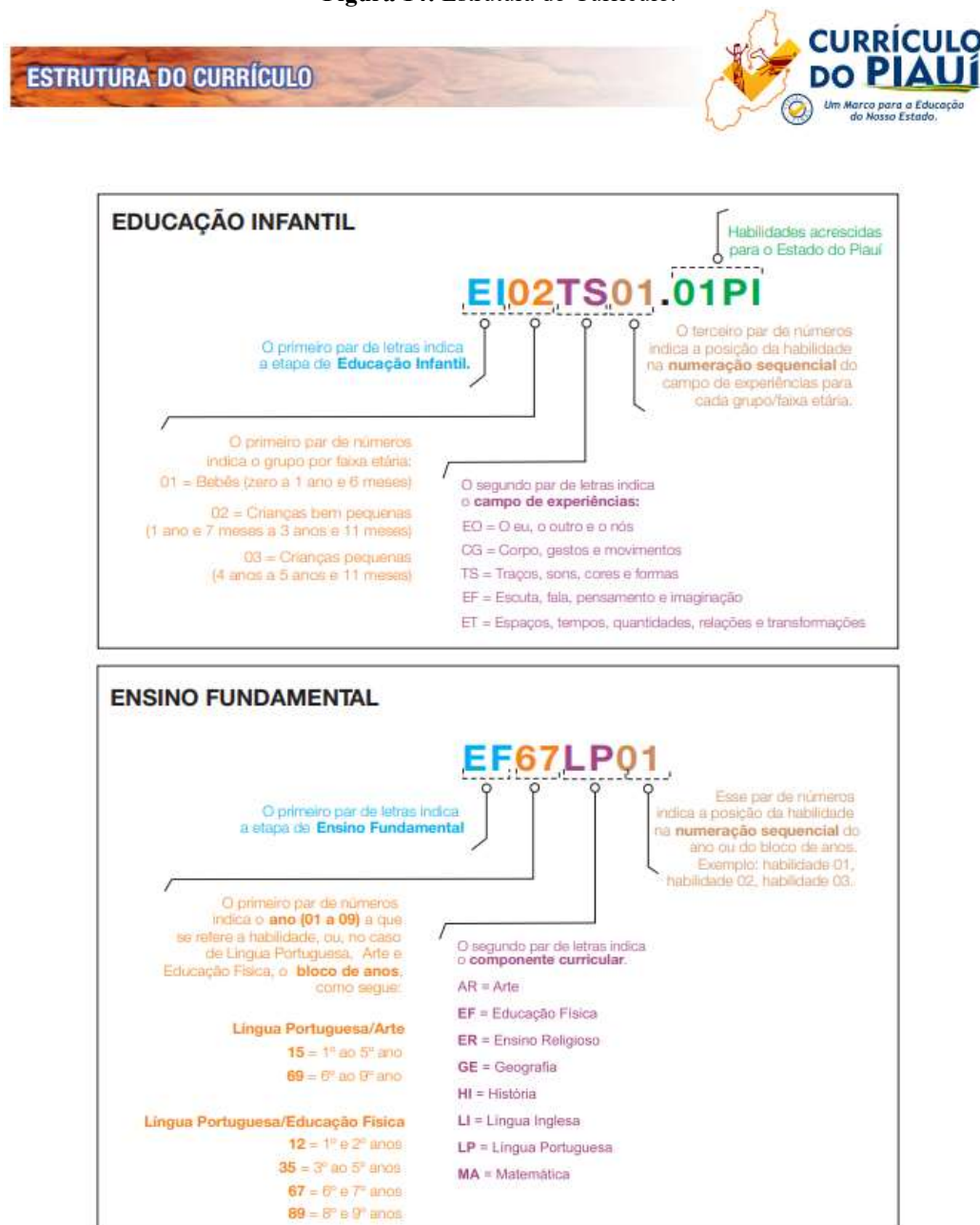
O Currículo do Piauí foi organizado ainda no governo de Wellington Dias e, dentre vários redatores de várias disciplinas, os redatores de História foram Antônio de Sousa Silva, da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação – Seção Piauí (UNDIME-PI); e Bernardo Borges Feitosa, da Secretaria de Estado da Educação do Piauí (SEDUC-PI). O Currículo do Piauí foi pensado para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Proposto após estudos e sob a luz da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o documento segue as diretrizes do Guia de Implementação da BNCC, que serve para constituir e implantar o novo currículo para a Educação Básica, particularmente para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. O currículo abrange as redes municipal, estadual e privada, estando estruturado por etapas da Educação Básica, por áreas do conhecimento e componentes. Ademais, abrange identidades, culturas, políticas, e características econômicas e socioambientais do território piauiense. O documento foi construído a partir de estudos para o entendimento da proposta da BNCC, mas levando em conta o histórico curricular local, as pluralidades e diversidades dos vários documentos existentes, incluindo os currículos dos municípios (Piauí, 2020, p. 8-9).

Como está posto no currículo, o documento afirma que os sistemas de educação precisam organizar meios adequados para que as aprendizagens previstas no Currículo do Piauí se efetivem. Isso pode acontecer através de mudanças nas práticas pedagógicas, nas políticas e programas de avaliação, formação de professores, materiais didáticos e infraestrutura escolar. O Currículo do Piauí é um instrumento de orientação na construção das propostas pedagógicas das escolas piauienses. O currículo piauiense está de acordo com a BNCC (Brasil, 2018) e, dessa forma, a nova orientação curricular nacional demanda metodologias pedagógicas diversificadas, que atendam a diferentes perfis dos estudantes. É necessário contextualizar os componentes curriculares e seus conteúdos para tornar o ensino e

a aprendizagem mais significativos, pois a contextualização conecta a aprendizagem à realidade do lugar e do tempo em que se situa (Piauí, 2020, p. 30).

Outro ponto do currículo é que ele deixa bem clara a estrutura em que ele está organizado. O Currículo do Piauí é organizado em componentes, habilidades e objetos de conhecimento para o desenvolvimento de uma educação integral para todos os estudantes, assim como demanda a BNCC. Além disso, os componentes apresentam uma estrutura básica comum, abordando tópicos semelhantes em contextos diferentes. Os textos estão por área de conhecimento e por componentes curriculares (Piauí, 2020, p.36).

Figura 14: Estrutura do Currículo.



Fonte: Piauí, 2020, p. 37.

Já na parte de História, dos Anos Iniciais – que vão do primeiro ano ao quinto ano – até os Anos Finais – que vão do sexto ao nono ano –, os conteúdos estão organizados em planilhas que contam com Unidades Temáticas, Habilidades e Objetos de Conhecimento. Inicia-se o tópico de história com conceitualização de História:

História é uma ciência que estuda a vida do homem através do tempo, possibilitando um entendimento para construir um conhecimento em que se possa compreender o passado, assim tornando cidadãos críticos na sociedade capazes de refletir e criticar perante os fatos históricos ocorridos e que ainda irão acontecer, pois investiga o que os homens fizeram ao longo do tempo, pensaram e sentiram enquanto seres humanos e sociais. Portanto, o conhecimento histórico ajuda na compreensão do homem enquanto ser que constrói seu tempo e a sua História (Piauí, 2020, p. 271).

Uma coisa importante que o currículo destaca é que o ensino de História tem um papel de propiciar uma discussão que ressalte elementos históricos piauienses, a cultura regional e local, debatendo e incentivando a pesquisa e a troca de experiências, que promoverão a produção do saber histórico, fator fundamental para que a sociedade possa entender a sua história e o caminhar do seu povo ao longo do tempo (Piauí, 2020, p. 271). Por isso, é relevante que o professor de História, dentro do assunto da Segunda Guerra Mundial, um conflito essencialmente europeu, mas que teve influência na geopolítica e também no cotidiano do povo piauiense, faça com que esse assunto se aproxime do estudante, lançando mão do uso de fontes, pesquisas e até mesmo filmes, como o longa metragem brasileiro *Estrada 47* (Ferraz, 2015). Trata-se de um drama de guerra que mostra uma unidade anti-mina da FEB, resistindo às forças de Hitler em Monte Castelo, na Itália. Com isso, passando um filme ou levando outras fontes, o docente pode provocar debates e reflexões sobre o Brasil no conflito, instigando a curiosidade dos lecionados em saber mais.

Falando em Segunda Guerra Mundial, o tema aparece somente na História dos Anos Finais – no 9º ano, dentro da Unidade temática “Totalitarismos e conflitos mundiais”, com a habilidade EF09HI13 que é “descrever e contextualizar os processos da emergência do fascismo e do nazismo, a consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio (como o holocausto), e a ascensão do neonazismo na atualidade no mundo e no Brasil”. Ademais, conta também com um objeto de conhecimento: a emergência do fascismo e nazismo; a Segunda Guerra Mundial, judeus e outras vítimas do holocausto (Piauí, 2020, p. 286). Portanto, conclui-se que o currículo do Piauí dá bastante abertura para os professores de História trabalharem o assunto “Brasil na Segunda Guerra Mundial”, podendo dar um foco

maior no Piauí, mas isso depende também da formação pedagógica do professor e do quanto ele quer sair da “Bíblia” que é o livro didático.

Figura 15: A Segunda Guerra Mundial na planilha de História do Currículo do Piauí.




HISTÓRIA ANOS FINAIS – 9º ANO		
UNIDADES TEMÁTICAS	HABILIDADES	OBJETOS DE CONHECIMENTO
Totalitarismos e conflitos mundiais	(EF09HI13) Descrever e contextualizar os processos da emergência do fascismo e do nazismo, a consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio (como o holocausto), e a ascensão do neonazismo na atualidade no mundo e no Brasil.	A emergência do fascismo e nazismo. A Segunda Guerra Mundial, judeus e outras vítimas do holocausto.
	(EF09HI14) Caracterizar e discutir as dinâmicas do colonialismo no continente africano e asiático e as lógicas de resistência das populações locais diante das questões internacionais.	O colonialismo na África. As guerras mundiais. A crise do colonialismo. O advento dos nacionalismos africanos e asiáticos.
	(EF09HI15) Discutir as motivações que levaram à criação da Organização das Nações Unidas (ONU) no contexto do pós-guerra e os propósitos dessa organização.	A Organização das Nações Unidas (ONU) e a questão dos Direitos Humanos.
	(EF09HI16) Relacionar a Carta dos Direitos Humanos ao processo de afirmação dos direitos fundamentais e de defesa da dignidade humana, valorizando as instituições voltadas para a defesa desses direitos e para a identificação dos agentes responsáveis por sua violação.	

Fonte: Piauí, 2020, p. 286

2.2. A BNCC

É importante iniciar com a conceitualização desse documento e sua importância para o ensino brasileiro, pois é por meio dele que definimos regramentos e caminhos a se seguir para uma boa formação aos estudantes de todo Brasil. Ainda é garantido direitos de aprendizagem e desenvolvimento para todas crianças e jovens na Educação Básica (Brasil, 2018, p. 8).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)¹, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (Brasil, 2018, p. 7).

Porém, dá-se atenção ao foco que o documento dá à disciplina de História, mais especificamente no tema da Segunda Guerra Mundial, na qual o assunto é proposto para o 9º

ano do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio. De início, é importante ressaltar que o documento lista que processo de ensino e aprendizagem da História no Ensino Fundamental – Anos Finais está pautado por três procedimentos básicos: o primeiro procedimento implica o uso de uma forma de registro de memória cronológica, constituída por meio de uma seleção de eventos históricos consolidados na cultura historiográfica contemporânea. O segundo procedimento diz respeito à escolha de fontes e documentos, alertando que o documento, para o historiador, é o campo da produção do conhecimento histórico, sendo a atividade mais importante a ser desenvolvida com os estudantes. Por fim, o terceiro procedimento envolve a escolha de duas ou mais proposições que analisam um mesmo tema ou problema por ângulos diferentes, observando e compreendendo que a história se faz com perguntas (Brasil, 2018, p. 416-419).

Já para o Ensino Médio, a BNCC dividiu as disciplinas em áreas de conhecimento que são: Linguagens e suas Tecnologias (Arte, Educação Física, Língua Inglesa e Língua Portuguesa); Matemática; Ciências da Natureza (Biologia, Física e Química); e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (História, Geografia, Sociologia e Filosofia). Contudo, neste trabalho, será dado enfoque na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Figura 16: BNCC do Ensino Médio

A BNCC do Ensino Médio

A BNCC do Ensino Médio se organiza em continuidade ao proposto para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, centrada no desenvolvimento de competências e orientada pelo princípio da educação integral. Portanto, as **competências gerais da Educação Básica** orientam igualmente as aprendizagens dessa etapa, como ilustrado no esquema a seguir, sejam as aprendizagens essenciais definidas nesta **BNCC**, sejam aquelas relativas aos diferentes **itinerários formativos** – cujo detalhamento é prerrogativa dos diferentes sistemas, redes e escolas, conforme previsto na Lei nº 13.415/2017.



Fonte: Brasil, 2017, p. 469

No Ensino Fundamental, a BNCC se concentra nos processos de tomada de consciência do Eu, do Outro e do Nós, nas formas de organização da família e da sociedade em diferentes espaços e épocas históricas. Para tanto, prevê conhecimentos da Geografia e da História: temporalidade, espacialidade, ambiente e diversidade, modos de organização da sociedade e relações de produção, trabalho e poder. Já no Ensino Médio é dada maior capacidade cognitiva dos jovens, que lhes permite ampliar seu repertório conceitual e sua capacidade de articular informações e conhecimentos. No Ensino Médio, é proposto que os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer diálogos com uma vasta diversidade de conhecimentos, saberes e culturas distintas, para adoção de uma conduta ética em sociedade. Logo, a BNCC define habilidades relativas ao domínio de conceitos e metodologias próprias da área de Ciências Humanas (Brasil, 2017, p. 561).

Figura 17: Competência Específica 2 e Habilidades.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 2

Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.

Nessa competência específica, pretende-se comparar e avaliar a ocupação do espaço e a delimitação de fronteiras, como também o papel dos agentes responsáveis por essas transformações. Os atores sociais (na cidade, no campo, nas zonas limítrofes, em uma região, em um Estado ou mesmo na relação entre Estados) são produtores de diferentes territorialidades nas quais se desenvolvem diferentes formas de negociação e conflito, igualdade e desigualdade, inclusão e exclusão. Dada a complexidade das relações de poder que determinam as territorialidades, dos fluxos populacionais e da circulação de mercadorias, é prioritário considerar o raciocínio geográfico e estratégico, bem como o significado da história, da economia e da política na produção do espaço.

HABILIDADES
(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.
(EM13CHS202) Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.
(EM13CHS203) Comparar os significados de território, fronteiras e vazio (espacial, temporal e cultural) em diferentes sociedades, contextualizando e relativizando visões dualistas (civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo, esclarecimento/obscurantismo, cidade/campo, entre outras).
(EM13CHS204) Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.
(EM13CHS205) Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.
(EM13CHS206) Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.

Fonte: Brasil, 2017, p. 573.

A BNCC dividiu as “Habilidades” de acordo com as Competências Específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para o Ensino Médio. Sendo elas seis competências, porém destaca-se a Competência Específica 2 - “Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações”. Destaca-se também a habilidade EM13CHS205, que se refere a “analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis” (Brasil, 2017, p. 573).

Mas, para localizar a Segunda Guerra Mundial, foi necessário recorrer ao *Currículo do Piauí – Caderno 1 – Novo Ensino Médio* (Piauí, 2021), que ainda está na versão preliminar. Foi preciso recorrer a esse documento pois ele delimitou o tema da Segunda Guerra Mundial sob a luz da BNCC, colocando-o dentro do Tema Geral: Poder, Territórios e Geopolítica, com a Competência específica 2: “analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações”. Além disso, coloca como competências gerais: “2 – Pensamento científico, crítico e criativo, 5 – Cultura digital, 6 – Trabalho e projeto de vida, 9 – Empatia e Cooperação, 10 – Responsabilidade e cidadania”.

Figura 18: Planilha com Habilidades, Componentes, Objetivos de Aprendizagem e Objetos do Conhecimento.

EM13CHS205 Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.	FILOSOFIA	➤ Identificar e analisar múltiplas formas de relação com normas e padrões de conduta. ➤ Analisar a existência de culturas e modos específicos de grupos criarem os próprios padrões normativos. ➤ Estudar a ética e a conduta moral, analisando a complexidade e fragilidade da dualidade bem e mal. ➤ Analisar as práticas juvenis e o avanço tecnológico e as alterações na conduta moral.	✓ Renovação cultural, ética, valores e cultura juvenil.
	GEOGRAFIA	➤ Analisar os conceitos que descrevem as dinâmicas populacionais, de modo a entender as possibilidades e os limites desses conceitos na produção da realidade social formal e informal. ➤ Abordar as transformações socioespaciais, focando nas territorialidades em disputa, no urbano e no rural, frente ao acesso a serviços, trabalho, lazer, educação e saúde. ➤ Compreender a relação política entre distintos tipos de culturas. ➤ Analisar a noção de juventude, seu processo histórico de formação e suas implicações políticas, econômicas e sociais.	✓ Transição demográfica, população economicamente ativa e ocupação das áreas urbanas. ✓ Territorialidades juvenis: centralidades e periferização no urbano e no rural, em distintas escalas de análise. ✓ Tecnologias da informação e comunicação e a atuação da juventude em movimentos sociais.
	HISTÓRIA	➤ Analisar a noção de juventude, seu processo histórico de formação e suas implicações políticas, econômicas e sociais. ➤ Refletir sobre o papel dos grupos de jovens junto aos movimentos de vanguarda musical, literária e política no Pós Segunda Guerra. ➤ Analisar as manifestações culturais e políticas juvenis no Brasil nas décadas de 1960, 1990 e século XXI e seus reflexos na contemporaneidade.	✓ Cultura e contracultura no Pós Segunda Guerra Mundial (mundo e Brasil), movimentos de vanguarda. ✓ Movimentos estudantis e juvenis da década de 1960 (Brasil, Piauí e mundo), movimento dos “cara-pintadas” e movimentos juvenis contemporâneos.

Fonte: Piauí, 2021, p. 327.

O grande problema da BNCC no Ensino Médio é que ela segue um novo padrão nas disciplinas, onde integram os assuntos com outros materiais do saber, virando uma “salada de frutas” de normas e técnicas, áreas do saber e assuntos. Mas os assuntos aqui ficam de

maneira espalhada, sendo tratados de maneira geral. Cabe ao professor explicitá-los e dar enfoque em algum conhecimento que ele quer repassar ao alunado.

No caso da Segunda Guerra Mundial, o professor que conhece bem a BNCC e os Currículos do Piauí verá que tem uma abertura para tratar do fator histórico do Brasil ter participado do conflito. Outro fator relevante é que, de acordo com a Lei Federal nº 9.394, de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no caput do artigo 26:

Os currículos da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (Brasil, 1996).

Portanto, verifica-se que nossa argumentação tem proteção legal, sendo essencial que o professor desenvolva melhor a participação brasileira, assim como a piauiense, nos conteúdos de História para Educação Básica, inclusive no que se refere à Segunda Guerra Mundial.

Capítulo 3: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO E ATIVIDADE

Temos currículos, a BNCC e as demais legislações educacionais, todos favorecendo práticas pedagógicas para além do livro didático sobre o Brasil na Segunda Guerra Mundial, focando na participação piauiense. Mas como trabalhar esse tema? Como ter base para fazer uma boa provocação para se trabalhar esse assunto? Que materiais de apoio podem servir ao professor para além do livro didático?

Com isso se faz necessário que o docente de História faça um levantamento de fontes primárias e secundárias. As primárias podem ser fotografias da FEB, que são encontradas na Biblioteca Digital do Exército (EXÉRCITO BRASILEIRO, 1945).

Figura 19: Enfermeiras da FEB.



Fonte: Exército Brasileiro, 1945.
Acervo: Biblioteca Digital do Exército.

Outra boa fonte primária para analisar o tema e até mesmo apresentar para a sala de aula é a *Canção do Expedicionário*, disponível no site da Academia da Força Aérea Brasileira. Um dos símbolos da FEB, hino este que evoca sentimentos de patriotismo, de despedida e saudade, mas com esperança de que retorne com vitória e glória para o Brasil, inclusive enaltecendo os variados locais de origem desses expedicionário, como nos trechos “Venho do morro, do Engenho / Das selvas, dos cafezais / Da boa terra do coco / Da choupana” e “Venho das praias sedosas / Das montanhas alterosas / Dos pampas, do seringal / Das margens crespas dos rios / Dos verdes mares bravios / Da minha terra natal” (Rossi; Almeida, 1944). Sentimento esse que levou muitos jovens, homens e mulheres, para o

conflito. Incentivados também pelo Estado brasileiro da época, o Estado Novo, produzia-se o sentimento de pertencimento à Nação, ao Povo, à Pátria, enfatizando os aspectos culturais que deveriam ser lembrados e proibindo os produtos culturais perigosos ao projeto nacionalista (Capelato, 2007, p. 125 *apud* Lira, 2008, p. 23).

Enquanto as fontes secundárias podem ser artigos, dissertações, revistas, jornais ou, até mesmo, livros. De preferência, aqueles relacionados à participação piauiense na guerra. Exemplo disso é a dissertação *O Piauí em Tempos de Segunda Guerra: Mobilização Local E As Experiências Do Contingente Piauiense da FEB*, de Clarice Helena Santiago Lira (Lira, 2008), o qual ela pesquisou o Piauí no período da Segunda Guerra Mundial. Objetivando analisar a forma como a mobilização de guerra, após o decreto do estado de beligerância contra o Eixo, foi operacionalizada na sociedade piauiense. Ela utilizou para a produção da pesquisa, jornais locais, relatórios e boletins internos e fontes orais, narrativas dos ex-combatentes e de seus familiares.

Outra boa fonte é a *Revista Ateneu*, especificamente em sua edição número três, de 2021 (Meneses, 2021). É uma revista independente, que conta com um site chamado *Portal Piracuruca*, sendo Gerson Meneses o responsável e autor da revista. Na edição foi publicado um artigo especial para os piracuruquenses que lutaram na Segunda Guerra Mundial.

Figura 20: Capa da *Revista Ateneu*.



Fonte: Revista Ateneu. 2021. n. 3.

Acervo: Portal Piracuruca.

O artigo conta as experiências dos pracinhas no conflito por meio da História Oral, mas também contextualiza o leitor sobre a participação brasileira no geral, e também narra a mobilização no Piauí para a guerra. O autor usa de fontes orais e também de fontes escritas. Utiliza muito bem as fotografias e os relatos de experiência, através de uma entrevista. “Entre os piracuruquenses que viajaram para o combate na Europa, três piracuruquenses foram e trouxeram vivências que marcaram a sua existência, e passaram a ser vistos com muita admiração pelos seus conterrâneos” (Meneses, 2021, p. 05).

3.1. Sugestão de atividade

É importante ressaltar que a atividade a ser proposta deve levar em consideração a turma em que será aplicada e também o contexto escolar. Porém, esta atividade é totalmente possível de ser realizada em diferentes contextos, pois o material utilizado é de fácil alcance. Por exemplo, a *Revista Ateneu* pode ser uma das fontes de pesquisa da atividade, e ela será disponibilizada para o alunado. Já como fonte secundária, trechos da dissertação da Clarice Helena Santiago Lira, porém com o texto adaptado para uma linguagem acessível aos estudantes. Além disso, serão disponibilizados materiais como: cartaz, pincel, lápis de cor. Tanto as fontes como os materiais utilizados serão uma forma de aproximar os estudantes do conteúdo e torná-los protagonistas da atividade.

A atividade consistirá na separação de grupos e distribuição dos materiais com informações sobre os pracinhas piauienses entrevistados pela *Revista Ateneu* e no trabalho de Clarice Helena Santiago Lira. Cada grupo será responsável por contar a história e as experiências desses personagens durante o conflito. Em seguida, partirão para a confecção de cartazes, podendo usar fotografias e textos. Tudo pensado por eles. Finalizando com uma apresentação oral para a turma. Ao fim das apresentações será feito um debate sobre o Piauí na Segunda Guerra Mundial, e também sobre o apagamento da participação dos piauienses no conflito. Mas sempre dialogando com as fontes levadas para a sala de aula. Essa atividade tem como objetivo principal incentivar os discentes a conhecerem sobre sua história regional, assim como conhecer mais sobre sua história nacional, para que eles tenham uma proximidade histórica com o conteúdo. E também objetiva-se preservar a memória dos febianos para as novas gerações.

Tabela 2: Plano de Aula proposto.

PLANO DE AULA
Tema: BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL – A PARTICIPAÇÃO PIAUIENSE Autor: ANTONIO JOSÉ MARTINS MOREIRA Segmento da Educação Básica: 9º ano do Ensino Fundamental ou 3º ano do Ensino Médio
Objetivos Gerais da aula: – incentivar os discentes a conhecerem sobre sua história regional, assim como conhecer mais sobre sua história nacional; – Problematicar o apagamento da participação do Piauí no conflito. Habilidades a serem desenvolvidas: (EF09HI13) Descrever e contextualizar os processos da emergência do fascismo e do nazismo, a consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio (como o Holocausto) – Ensino Fundamental. (EM13CHS205) “Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis – Ensino Médio.
Livro Didático adotado: <i>História Sociedade & Cidadania</i> (9º ano do Ensino Fundamental) <i>Oficina de História – volume 3</i> (3º ano do Ensino Médio) Conhecimentos prévios para realização da aula: EF08HI12 – Analisar a crise capitalista de 1929 e seus desdobramentos em relação à economia global EF09HI13 – Descrever e contextualizar os processos da emergência do fascismo e do nazismo, a consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio (como o Holocausto) – Ensino Fundamental. (EM13CHS205) – Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis – Ensino Médio.
Duração da atividade: 02 (duas) aulas de 50 minutos (cada). Recursos e materiais para a aula: cartaz, pincel, lápis de cor, pincel, caneta, lápis, borracha, trechos da <i>Revista Ateneu</i> e trecho adaptado da dissertação de Clarice Helena Santiago Lira.

Detalhamento da atividade proposta: A atividade consistirá na separação de grupos, e distribuição dos materiais com informações sobre os pracinhas piauienses entrevistados na *Revista Ateneu* e da Clarice Helena Santiago Lira. Cada grupo será responsável por contar a história e as experiências desses personagens sobre o conflito. Em seguida, partirão para a confecção de cartazes, podendo usar fotografias e textos. Tudo pensado por eles. Finalizando com uma apresentação oral para a turma. Ao fim das apresentações será feito um debate sobre o Piauí na Segunda Guerra Mundial, e também sobre o apagamento da participação do Estado no conflito.

Bibliografia:

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História sociedade & cidadania:** 9ºano: ensino fundamental: anos finais. São Paulo: FTD, 2018. ed. 4.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Ensino Médio. Brasília: MEC. Versão entregue ao CNE em 03 de abril de 2018. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2024.

CAMPOS, Flavio de; PINTO, Júlio Pimentel; CLARO, Regina. **Oficina de História – volume 3.** São Paulo: Leya, 2016. v. 3.

LIRA, Clarice Helena Santiago. **O Piauí em tempos de segunda guerra: mobilização local e as experiências do contingente piauiense da FEB.** Teresina: Dissertação (Mestrado em História do Brasil), Universidade Federal do Piauí, 2008.

MENESES, Gerson. **Os nossos heróis de guerra: em memória aos piracuruquenses que lutaram na 2º Grande Guerra Mundial.** In: Revista Ateneu. Piauí. Set. 2021. ed. 3. p. 4-7,

PIAUÍ. **Currículo do Piauí: Novo Ensino Médio. Caderno 1.** Teresina: SEDUC-PI, 2021. Disponível em <<https://www.seduc.pi.gov.br>>. Acesso em: 20 mai. 2024.

PIAUÍ. **Currículo do Piauí: um marco para a educação do nosso estado: Educação Infantil – Ensino Fundamental.** Organizadores: Carlos Alberto Pereira da Silva [et al.]. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020. Disponível em <<https://www.seduc.pi.gov.br>>. Acesso em: 20 maio 2024.

Elaboração: Antonio José Martins Moreira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante que discutamos mais sobre temas que podem ir para além do livro didático, que podem dar visibilidade para entraves não propostos no material didático. Às vezes, até estão lá, mas necessitam de um incentivo do professor para serem desenvolvidos. É significativo pensar o tema da Segunda Guerra Mundial, mas dando uma perspectiva regional, pois aproxima o estudante ao assunto e dá um significado de participação representativa. O estudante vai se sentir representado naquele soldado febiano que foi lutar pelo seu país em um conflito internacional. Essa representatividade deve ser sugerida nos livros didáticos.

Como vimos na análise dos livros, na parte do Brasil na guerra, é feito apenas menção à participação brasileira, sem muitos detalhes, sem muita problematização. Entretanto, seria primordial que tivesse apenas uma provocação em um quadro de “saiba mais” ou uma sugestão no manual do professor de como trabalhar a Segunda Guerra Mundial na perspectiva regional. Minimizar um tema como esse, que envolveu todo o globo, com muitos países e muitas histórias, é complexo. Todavia, é relevante circunscrever a história da guerra em uma perspectiva micro, pois além do docente trabalhar o assunto da Segunda Guerra Mundial, ele sai um pouco do livro didático e ainda amplia a perspectiva do estudante sobre aquele tema, fazendo conexões de realidades.

Nas experiências de estágio supervisionado e do PRP, sempre foi necessário, em todo tema, fazer um paralelo do assunto dado com o cotidiano vivido pelos estudantes. Exemplo disso é quando o livro lhe dá poucas brechas para levar o assunto para a realidade do estudante. No assunto de nazifacismo do livro *Oficina de História – volume 3*, por exemplo, os autores buscam uma associação do governo nazifacista espanhol de Francisco Franco com times de futebol. Associações como esta aproximam a sala de aula com o tema a ser estudado. Fazendo entender casos de racismo sofrido por jogadores brasileiros em times espanhóis na atualidade, como aparece no *Jornal do Brasil*, na matéria *Racismo nos estádios da Espanha começa na ditadura de Franco e explode com a imigração* (MANSUR, 2024). Logo, evidencia-se que, assim como o jogador Romário tinha que antever o lance para melhor tomada de decisão, o professor tem que antever e ampliar seu referencial teórico para melhor tomada de decisão em uma aula. O docente tem que ir para além do livro, se o livro não fez uma associação com o cotidiano estudantil, é importante que o professor faça este papel. É preciso enxergar possibilidades de aproximar o tema da aula para a realidade do estudante, caso contrário os estudantes não vão compreender. Seria idílico achar que o discente vai

entender tudo que está no livro. É necessário provocações ao estudante, para ele associar o assunto a algo que faça sentido em dilemas do seu dia a dia. E se não faz sentido, é inútil.

Figura 21: O franquismo e o futebol

O franquismo e o futebol

Durante toda a ditadura de Franco, o clube de futebol Real Madrid serviu como instrumento do governo fascista. As conquistas nacionais e internacionais eram utilizadas como elemento de legitimação e propaganda do regime. Ministros de Estado e dirigentes do clube reuniam-se com frequência.

Uma série de medidas visava vincular o futebol ao franquismo. Diversos clubes foram mantidos sob intervenção do governo. Todas as associações e federações

de futebol ficaram subordinadas a um órgão central. Proibiu-se que os nomes de clubes possuíssem qualquer referência a idiomas que não fosse o castelhano. Além dos estrangeiros, a proibição voltava-se para o galego, o basco e, sobretudo, o catalão.

A cor do uniforme da seleção espanhola foi alterada para azul (das falanges fascistas). Foi instituída a Copa do Generalíssimo em homenagem a Franco e estabelecida a obrigatoriedade da saudação fascista no início de cada partida.

Capítulo 4 A Segunda Guerra Mundial

book.indb 108

Barcelona: mais que um clube

"O F. C. Barcelona é mais que um clube na Catalunha, porque é a instituição desportiva mais representativa do país e um de seus melhores embaixadores. Também, por razões diferentes, o F. C. Barcelona é mais que um clube para muitas pessoas do resto do Estado espanhol, que viram no Barça um firme defensor dos direitos das liberdades democráticas."

Extrato do site oficial do Barcelona: <http://goo.gl/r6dyU6>. Acesso em: 30 abr. 2016. (traduzido pelos autores)

Durante a Guerra Civil, a Catalunha tornara-se um dos redutos dos republicanos e o F. C. Barcelona, um dos símbolos da resistência ao fascismo. Em 1936, o presidente do Barcelona foi assassinado por falangistas. Dois anos depois, a aviação fascista bombardeou a sede social do clube. Em janeiro de 1939, as tropas nacionalistas tomaram a região catalã. Entre os seus líderes encontrava-se Santiago Bernabéu, ex-jogador e ex-técnico do time do Real Madrid. Hoje, o estádio do clube leva seu nome. Uma homenagem a um dirigente franquista.

Durante mais de dez anos o Barcelona foi mantido sob intervenção governamental e dirigido por pessoas ligadas ao regime. No início da década de 1940, o time de futebol foi rebaixado para a segunda divisão do

campeonato espanhol. Em 1968, o slogan "Mais que um clube" começou a ser utilizado.

Em fevereiro de 1974 foi disputada uma partida de futebol que simbolizou o fim do regime franquista. Em Madrid, no estádio Santiago Bernabéu, o Barcelona venceu o time da casa por 5 a 0. A rivalidade entre os dois clubes não se resume apenas ao futebol. Há questões políticas, regionais e ideológicas presentes até os dias de hoje.

Apesar de patrocinado por várias grandes empresas, o Barcelona é um dos únicos clubes de primeira divisão do mundo que não transformaram sua camisa em espaço para propaganda de marcas comerciais. Apenas em 2006, em razão do histórico da agremiação, o Unicef (*United Nations Children's Fund* – Fundo das Nações Unidas para a Infância) firmou um acordo de colaboração com o clube. O nome e o logotipo do Unicef aparecem ao lado do brasão do time, que, no seu interior, apresenta o símbolo da cidade de Barcelona e a bandeira da Catalunha.

Na Copa do Mundo de futebol realizada na África do Sul, em 2010 a maior parte dos atletas da seleção espanhola deu a volta olímpica para comemorar a conquista empunhando a bandeira da Catalunha.



Torcedores protestam com faixa 'Catalunha não é Espanha' durante o jogo amistoso entre a seleção da Catalunha e da Argentina, no estádio Camp Nou, Barcelona, Espanha, 22 de dezembro de 2009.

Fonte: Oficina de História – volume 3, 2016, p. 108-109.

No acervo de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura em História da UESPI – Campus Parnaíba, por exemplo, há um trabalho que aborda sobre a Segunda Guerra Mundial a partir da imprensa em Parnaíba, buscando exatamente valorizar a participação de parnaibanos na FEB e romper com o apagamento (Santos, 2023). Pesquisas como essas podem também compor práticas pedagógicas e atividades na Educação Básica, lançando mão das fontes históricas que foram utilizadas, bem como adaptando trechos desses trabalhos.

REFERÊNCIAS

BARONE, João. **O Brasil e sua guerra quase desconhecida**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

BARROS, M. L. **A Segunda Guerra Mundial nos Livros Didáticos de História: : Um Olhar Comparado para as Coleções do PNLD 2018**. Cadernos Do Tempo Presente. 2021. n. 12 (01). p. 49–67. Disponível em <<https://doi.org/10.33662/ctp.v12i01.1573>>. Acesso em: 25 mai. 2024.

BERNARDO, Tobias; CARDOSO, Leonardo. **Tour pela internet: onde a extrema direita está dentro das redes digitais brasileiras**. In: Em pauta. Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). 2023. Disponível em <<https://wp.ufpel.edu.br/empauta/tour-pela-internet-onde-a-nova-direita-esta-e-o-seus-legados-nas-redes-digitais-brasileiras/>>. Acesso em: 25 maio. 2024.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC. Versão entregue ao CNE em 03 de abril de 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf. Acesso em: 20 maio 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 33-44.

FERRAZ, César. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2005.

FERRAZ, Francisco Alves. **Os Livros Didáticos e a Participação Brasileira na Segunda Guerra Mundial**. Luso-Brazilian Review. v. 47. n. 1. 2010. p. 11–39. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/40985171>>. Acessado 24 Mai 2024.

FERREIRA, Jorge (Org.). **O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2018.

LIRA, Clarice Helena Santiago. **O Piauí em tempos de segunda guerra: mobilização local e as experiências do contingente piauiense da FEB**. Teresina: Dissertação ((Mestrado em História do Brasil), Universidade Federal do Piauí, 2008.

MANSUR, G. **Racismo nos estádios da Espanha começa na ditadura de Franco e explode com a imigração**. Disponível em: <<https://www.jb.com.br/mundo/2023/05/1044007-racismo-nos-estadios-da-espanha-comeca-na-ditadura-de-franco-e-explode-com-a-imigracao-entenda.html>>. Acessado 24 Mai 2024.

MENESES, Gerson. **Os nossos heróis de guerra: em memória aos piracuruquenses que lutaram na 2º Grande Guerra Mundial**. Revista Ateneu. Set. 2021. n. 3. p. 4-7.

MICELI, Paulo Celso. Uma pedagogia da História? In: PINSKY, Jaime (org.). **O ensino de História e a criação do fato**. São Paulo: Contexto, 2014. ed. 14. p. 37-52.

MENON, Isabella. **Nazismo em escolas brasileiras acende alerta**. *Folha de São Paulo*. 02 Jan. 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/01/propagacao-de-suastica-e-ideias-nazistas-em-escolas-acende-alerta.shtml>>. Acesso em: 24 mai. 2024.

OLIVEIRA, Isaque Souza de. **O movimento operário nos livros didáticos de história: narrativas em disputas no PNLD 2020**. Marabá: Trabalho de Conclusão de Curso (graduação), Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de História, 2021. Disponível em <<http://repositorio.unifesspa.edu.br/jspui/handle/123456789/1708>>.

PIAUÍ. **Currículo do Piauí: Novo Ensino Médio. Caderno 1**. Teresina: SEDUC-PI, 2021. Disponível em <<https://www.seduc.pi.gov.br>>. Acesso em: 20 mai. 2024.

PIAUÍ. **Currículo do Piauí: um marco para a educação do nosso estado: Educação Infantil – Ensino Fundamental**. Organizadore: Carlos Alberto Pereira da Silva [et al.], Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020. Disponível em <<https://www.seduc.pi.gov.br>>. Acesso em: 20 maio 2024.

SANTOS, Antoniel da Silva dos. **A Segunda Guerra Mundial pelo olhar da imprensa: notícias do conflito em periódicos de Parnaíba-PI (1939-1945)**. Parnaíba: Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História, Universidade Estadual do Piauí, Campus Parnaíba, 2023.

FONTES

ANDRADE, J. **A Estrada 47**. Drama/Guerra. Film Plus Cine BR. Disponível em: <<https://youtu.be/xh0XsYoN0UA?si=jxgVqcn5yT9Rzrym>>. Acesso em: 25 maio. 2024.

ABREU, Edriano; MAGELA, Geraldo. **Título II – Bernoulli Sistema de Ensino III – V.4**. Belo Horizonte: Editora DRP Ltda, 2019. p. 2-86.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História Sociedade & Cidadania: 9ºano: Ensino Fundamental: anos finais**. São Paulo: FTD, 2018. ed. 4.

CAMPOS, Flavio de; PINTO, Júlio Pimentel; CLARO, Regina. **Oficina de História, volume 3**. São Paulo: Leya, 2016.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Enfermeiras da FEB**. Imagem. 1945. Disponível em <<https://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/7276>>. Acesso em: 25 maio. 2024.

GABLER, Neal. **Walt Disney: o triunfo da imaginação americana**. Editora Novo Século, 2020.

ROSSI, Spartaco; ALMEIDA, Guilherme de. **Canção do Expedicionário**. 1944. Disponível em <<https://www2.fab.mil.br/afa/index.php/audios/item/81-cancao-do-expedicionario>>. Acesso em: 25 mai. 2024.

MUSEU DO EXPEDICIONÁRIO. **Símbolo da FEB.** Disponível em: <<https://museudoexpedicionario.5rm.eb.mil.br/index.php/videos/63-simbolos/111-simbolo-da-feb>>. Acesso em: 24 mai 2024.

O GLOBO EXPEDICIONÁRIO. **Periódico.** Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em <<https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em: 24 mai 2024.